OBRAS

DO

VISCONDE DE ALMEIDA-GARRETT

XV

(TERCEIRO DO ROMANCEIRO)

NA IMPRENSA NACIONAL

ROMANCEIRO

PELO

VISCONDE DE ALMEIDA-GARRETT

III

ROMANCES CAVALHERESCOS ANTIGOS

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA
EM CASA DA VIUVA BERTRAND E FILHOS
1863

ADVERTENCIA DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Por não fazer demaziado volume, dividiu-se o segundo livro d'ésta collecção em duas partes, cada uma das quaes fórma um tomo separado.

N'este segundo vão tambem em appendice as traducções inglezas de Sir John Adamson de alguns dos romances do primeiro livro.

O tomo quarto está destinado a conter o terceiro livro, que é o das lendas e prophecias. Se porêm apparecerem no intervallo alguns romances ainda não descubertos que pertençam á classe do segundo livro, accrescentar-se-ha umà terceira parte; e com ella começará, n'esse caso, o seguinte quarto volume.

Lisboa, Agosto 9, 1851.

ROMANCEIRO

LIVRO SEGUNDO

PARTE SEGUNDA

XVII

A ROMEIRA

Aqui vai outra romeira, e não sei se de Sanctiago tambem; mas creio que não, porque o diria algures o texto do romance: não è orago que deixasse de se nomear.

É lindo, singelo, perfeito exemplar no seu genero. Não me consta que ande por mais terras nossas do que pelas do Minho e Tras-os-montes. So pelas duas versões d'estas provincias o tive de appurar; e sem muito custo, porque é simples de si, e pouco o alteraram na tradição. Tem todo o sabor e ingenuidade antiga, conserva perfeitamente os costumes crus da edade barbara a que se refere. Tambem não occorre nos romanceiros dos nossos vizinhos, e estou seguro que é ésta a primeira vez que se vê escripto e impresso.

As variantes que valem alguma coisa vão notadas á margem, e não são muitas.

A ROMEIRA

Por aquelles montes verdes
Uma romeira descia;
Tam honesta e formosinha
Não vai outra á romaria.
Sua saia leva baixa
Que nas hervas lhe prendia;
Seu chapelinho cahido
Que lindos olhos cubria!
Cavalleiro vai traz d'ella,
De má tenção que a seguia[1]!
Não a alcança, por mais que ande,
Alcançá-la não podia

[1] Alcançá-la não podia — TRAS-OS-MONTES.

Senão juncto a essa oliveira[2]
Que está no adro da ermida.
A sombra da árvore benta
A romeira se accolhia:
—'Eu te rogo, cavalleiro,
Por Deus e a Virgem Maria,
Que me deixes ir honrada
Para a sancta romaria.'
Cavalleiro, de malvado,
Nem Deus nem razão ouvia;
Cego no desejo bruto,
De amores a accommettia.
Pegaram de braço a braço:
Lucta de grande porfia[3]!
A romeira, por mais fraca,
Emfim rendida cahia...[4]
No cahir, lhe viu á cinta
Um punhal que elle trazia;
Com toda a força lh'o arranca,
No coração lh'o mettia.
O sangue negro saltava,
O negro sangue corria...
—'Por Deus te peço, romeira[5],

[2] Alcançou-a descançando
Debaixo da verde oliva. — TRAS-OS-MONTES.
[3] Qual debaixo, qual decima — TRAS-OS-MONTES.
[4] Logo debaixo cahia — TRAS-OS-MONTES.
[5] Eu te peço, romeirinha — TRAS-OS-MONTES.

Por Deus e a Virgem Maria,
Que o não digas em tua terra,
Nem te vás gabar á minha
Da vingança que tomaste,
Da affronta que te eu fazia.'
—'Heide dizê-lo em tu'terra,
Heide me ir gabar á minha,
Que mattei um vil covarde
Co'as armas que elle trazia.'
Tocou a campa da ermida,
A campa que retinia:
—'Ermitão, por Deus vos peço[6],
Bom ermitão d'esta ermida,
Tenhais dó d'essa má alma
Que inda agora se partia:
Dae terra benta ao seu corpo,
Que Deus lhe perdoaria.'

[6] Eu te peço, ermitão,
Por Deus e sancta Maria
Que interres esse traidor
Lá na tua sancta ermida.—TRAS-OS-MONTES.

XVIII

CONDE NILLO

So se incontrou este bello romancinho do 'Conde Nillo' na provincia de Tras-os-montes e nas ilhas dos Açores. Nas collecções castelhanas é ommisso. Não sei porquê, mas sinto que tem o ar francez ou provençal. Ou talvez normando? Da nossa Hespanha é que elle me não parece oriundo. Tudo isto porêm é sentir; julgar não, que não tenho por onde.

Nillo não é nome portuguez, nem sei que fôsse castelhano, leonez ou de Aragão. De donde será? Ou é corrupção, como tantas, de outro nome? Mas de que nome? Series e series de dúvidas e perguntas ás quaes confesso a minha completa inhabilidade de responder.

Seja como for, o romance é bonito, elegante e gracioso, tem todo o cunho antigo verdadeiro, e não parece dos que mais padeceram na sua transmissão até nós.

CONDE NILLO

Conde Nillo, conde Nillo
Seu cavallo vai banhar;
Em quanto o cavallo bebe,
Armou um lindo cantar.
Com o escuro que fazia
Elrei não o póde avistar.
Mal sabe a pobre da infanta
Se hade rir, se hade chorar.
—'Calla, minha filha, escuta,
Ouvirás um bel cantar:
Ou são os anjos no ceo[1],

[1] Mais outro exemplo do que era frequente nos antigos cantares repetirem, de uns para outros, certos dizeres que cahiam em graça. Veja no 'Reginaldo' pag. 175, tom. II do ROMANCEIRO.

Ou a sereia no mar.'
—'Não são os anjos no ceo,
Nem a sereia no mar:
É o conde Nillo, meu pae,
Que commigo quer casar.'
—'Quem falla no conde Nillo,
Quem se atreve a nomear
Esse vassallo rebelde
Que eu mandei desterrar?'
—'Senhor, a culpa é so minha[2],
A mim deveis castigar:
Não posso viver sem elle...
Fui eu que o mandei chamar.'
—'Calla-te, filha traidora,
Não te queiras deshonrar.
Antes que o dia amanheça[3]
Ve-lo-has ir a degollar.'
—'Algoz que o mattar a elle,
A mim me tem de mattar;
Adonde a cova lhe abrirem,
A mim me têem de interrar.'

Por quem dobra aquella campa,
Por quem está a dobrar?
—'Morto é o conde Nillo,
A infanta ja a expirar[4].

[2] Senhor pae, eu tenho a culpa—AÇORES.
[3] Antes que não rompa o dia—AÇORES.
[4] A infanta vai a expirar—AÇORES.

Abertas estão as covas,
Agora os vão interrar:
Elle no adro da egreja[5],
A infanta ao pé do altar.'
De um nascêra um cypreste,
E do outro um laranjal;
Um crescia, outro crescia,
Co'as pontas se iam beijar.
Elrei, apenas tal soube,
Logo os mandára cortar.
Um deitava sangue vivo[6],
O outro sangue real;
De um nascêra uma pomba,
De outro um pombo torquaz.
Senta-se elrei a comer[7],
Na mesa lhe iam poisar:
—'Mal haja tanto querer,
E mal haja tanto amar!
Nem na vida nem na morte
Nunca os pude separar.'

[5] Veja o que, a este respeito e sôbre a repetição d'esta linda imagem, deixo escripto na 'Rosalinda', pag. 163–168, tomo I do ROMANCEIRO.

[6] Um, nobre sangue deitava — TRAS-OS-MONTES.

[7] Sentava-se elrei á mesa,
No hombro lhe iam poisar. — AÇORES.

XIX

ALBANINHA

Ésta pequena xácara, curta, simples e que mais parece alludir a uma anecdota sabida, do que recontá-la, não a incontrei senão na provincia de Tras-os-montes. Tres differentes, mas pouco differentes, versões d'alli me vieram; e, approveitando de todas, se restituiu o texto como aqui vai. Tem não sei que resaibo á sarcastica 'sirvente' do trovador. É mordaz, epigrammatica; e até se permitte fazer o seu *calimburgo* quando a donzella requestada responde ao seductor:

> 'Pouco tempo são tres horas,
> Mas vem depois o contar.'

Onde a graça do equívoco está em que o verbo 'contar' tanto significa 'fazer contas' como 'referir o que se passou.'

Não ha variantes que mereçam a pena de se conservar, nem licção castelhana que se ache nos romanceiros.

ALBANINHA

—'Albaninha, Albaninha,
A filha do conde Alvar!
Oh! quem te víra Albaninha
Tres horas a meu mandar!'
—'Pouco tempo são tres horas,
Mas vem depois o contar.'
—'Usança de maus villões
Nunca a eu soubera usar.
Com ésta espada me cortem,
Com outra de mais cortar,
Donzella que em mim se fie
Se eu d'isso me for gabar.'
Inda bem manhan não era
Ja na praça a passeiar;
Aos tres irmãos de Albaninha
Se foi de braço travar:

—'Ésta noite, cavalleiros,
Sabereis que fui caçar;
Em minha vida não tive
Noite de tanto folgar.
Era uma lebre tam fina
Que nunca vi tal saltar:
Com tres horas de corrida
Não a cheguei a cançar!'
Disseram uns para os outros:
—'Bom modo de se gabar!
Será de nossas mulheres?
Das irmans nos quer fallar?'
Responde agora o mais môço
Discreto no seu pensar:
—'Não vêdes que é de Albaninha,
Que o traidor quer diffamar?'

Foram-se os tres para um canto,
Poseram-se a aconselhar;
Diziam os dois mais velhos:
—'Vamo'-lo nós a mattar?'
E o mais môço respondia:
—'Vamo'-la nós a casar?'
—'Sim! e o dote que ella tem,
Nós o temos de pagar.'

Vão ao quarto de Albaninha,
De voda a foram achar;

Duas aias a vestiam,
Duas a estão a toucar.
—'Albaninha, Albaninha,
A filha do conde Alvar!
As barbas de teu pae conde
Que bem lh'as soubeste honrar!'
—'As barbas de meu pae conde
Trattae vós de as honrar
Pagando-me ja meu dote,
Que agora me vou casar.'

XX

A PEREGRINA

Não é dos que mais se cantam, nem tem a popularidade de outros muitos, o romance da 'Peregrina' que alguns tambem chamam da 'Princeza'.—A licção que principalmente segui veio-me do Porto, e é a mais completa. Das outras provincias só obtive fragmentos muito interpolados. Comtudo approveitei bastante d'elles para restituir o texto e dar nexo e clareza á narrativa. O que se não utilisou para este fim, vai nas variantes.

O final, sublime e poetica idea que tanta predilecção mereceu aos antigos menestreis, é o mesmo de outros romances. Ja notei [1] que francezes e inglezes o usaram em suas composições. Entre nós apparece repetido muitas

[1] Romanceiro, I, pag. 181, ed. de 1843.

vezes. Fez-se um 'logar commum' romantico, assim como tantas coisas bellas dos poetas gregos e latinos se fizeram, por sua popularidade, logares communs classicos. Que Homero ou que Virgilio de meia-edade foi o original inventor d'este? Não é possivel sabê-lo. E sabemos nós se eguaes bellezas da Iliada ou da Eneada são ou não repetições, reminiscencias de outros poetas mais antigos cujas obras ou cujos nomes não chegaram até nós?

A 'Peregrina' tem todos os characteres de antiga e original. É bella e simples e verdadeira. Nos romanceiros castelhanos não vem; nem se incontra nada parecido com a singella historia que ingenuamente narra. Mas d'estas historias houve tantas n'aquelles ditosos tempos da andante cavallaria! Mal haja o damninho talento de Cervantes que as fez acabar n'um Dom Quixote e na sua Dulcinea!

A PEREGRINA

Peregrina, a peregrina [1]
Andava a peregrinar
Em cata de um cavalleiro
Que lhe fugiu, mal pezar!
A um castello torreado
Pela tarde foi parar:
Signaes certos, que trazia
Do castello, foi achar.
—'Mora aqui o cavalleiro [2]?

[1] Anda atrás do cavalleiro
A princeza a bom andar. — MINHO.
Ésta licção do Minho dá por titulo ao romance 'A Princeza'.
[2] Está em casa o cavalleiro
Que aqui deve de morar? — TRAS-OS-MONTES.

Aqui deve de morar.'
Respondêra-lhe uma dona
Discreta no seu fallar:
—'O cavalleiro está fóra,
Mas não deve de tardar.
Se tem pressa a peregrina,
Ja lh'o mandarei chamar.'

Palavras não eram dittas,
O cavalleiro a chegar:
—'Que fazeis porqui, senhora[3],
Quem vos trouxe a este logar?'
—'O amor de um cavalleiro
Por aqui me faz andar.
Prometteu de voltar cedo,
Nunca mais o vi tornar;
Deixei meu pae, minha casa[4],
Corri por terra e por mar
Em busca do cavalleiro,
Sem nunca o podêr achar.'
—'Negro fadario, senhora,
Que tarde vos fez chegar!
Eu de vosso pae fugia
Que me queria mattar;
Corri terras, passei máres,
A este castello vim dar.

[3] Que fazeis porqui, princeza,
Que andais a procurar?—MINHO.
[4] Deixei meu pae, minha gente—TRAS-OS-MONTES.

Antes que fôsse anno e dia
(Vós me fizestes jurar)
Com outra dama ou donzella
Não me havia desposar.
Anno e dia eram passados
Sem de vós ouvir fallar,
Co'a dona d'esse castello
Eu hontem me fui casar...'
Palavras não eram dittas,
A peregrina a expirar.
—'Ai penas de minha vida,
Ai vida de meu penar!
Que farei d'esta lindeza
Que em meus braços vem finar?'

Do alto de sua tôrre
A dama estava a raivar:
—'Levá-la d'ahi, cavalleiro [5],
E que a deitem ao mar.'
—'Tal não farei eu, senhora,
Que ella é de sangue real...
E amou com tanto extremo
A quem lhe foi desleal.
Oh! quem não sabe ser firme,
Melhor fôra não amar.'
Palavras não eram dittas
O cavalleiro a expirar.

[5] Leva-a d'ahi, cavalleiro,
E vai lançá-la no mar.—MINHO.

Manda a dona do castello[6]
Que os vão logo interrar
Em duas covas bem fundas
Alli junto á beira-mar.
Na campa do cavalleiro
Nasce um triste pinheiral[7],
E na campa da princeza
Um saudoso canavial.
Manda a dona do castello
Todas as canas cortar;
Mas as canas das raizes
Tornavam a rebentar:
E á noite a castellana[8]
As ouvia suspirar.

[6] De raivosa, a castellana
Os mandou logo cortar. — MINHO.

[7] Nasceu um triste pinhal — EXTREMADURA.

Noto ésta variante para marcar o uso indistincto das palavras 'pinhal e pinheiral' que a lingua consente.

[8] E, por noite, a castellana — TRAS-OS-MONTES.
E, alta noite, a castellana — MINHO.
E, de noite, a castellana — TRAS-OS-MONTES.

A licção que segui no texto é a que veio do Porto, que Minho é; mas não a acho melhor do que qualquer das outras. Segui-a porque, no todo do romance, é a mais completa.

XXI

DOM JOÃO

O assumpto d'este romance é um casamento á hora da morte, uma d'aquellas tardias mas solemnes reparações que a religião, a honra, o amor tantas vezes têem arrancado á consciencia do moribundo.

Os preconceitos de nascimento luctam, poderosos ainda n'esse momento extremo, com os deveres da religião, com os sentimentos d'alma, com os mesmos dictames da verdadeira honra. Oiro é a primeira coisa que o fidalgo expirante se lembra de deixar á infeliz donzella,—*infelix virgo!*—em compensação da sua honra perdida. 'Mil cruzados' lhe deixa: falta ahi villão que a queira, burguez que a requeste e cubra de seu nome vulgar a doirada fragilidade de uma menina também dotada por seu senhor e seductor?

'Mil cruzados não é nada': lhe objectam. —'Pois darei mais duzentos': regateia a suberba agonizante. —'A honra não se paga aos cruzados.'—'Pois, terras, villas, senhorios e castellos a quem casar com ella. Ha tanto escudeiro e cavalleiro pobre! Casar com a manceba de seu senhor, e senhor tam generoso, quem hade recusá-lo? E para o que duvidasse... argumento de rei velho e de republicano novo: Tenha a cabeça cortada!'

Forte é o orgulho que assim lucta, quando ja na beira do sepulchro. Tenaz o preconceito que ainda agora fez mentir villanmente o cavalleiro pundonoroso, quando, n'uma derradeira esperança de vida, falsamente promettia á inganada donzella 'as bençãos de um arcebispo e a estolla da sancta egreja'. Vivesse elle, e taes promessas se cumpririam tanto como as primeiras que a seduziram. Porêm mais forte é a piedade, a honra verdadeira de quem, até o último, combate esse vão orgulho, esse falso pundonor. Era sua mãe; não a mãe da desgraçada que o não ousaria se viva era —que por ventura foi morrer de ver-

gonha a um canto.—Não, mas sua propria mãe d'elle, do moribundo. Verdadeira mulher de alma e de coração, tudo o mais lhe esquece e despreza, e não vê na infeliz, que alli está debulhada em lagrymas junto ao leito da agonia, senão uma mulher, uma mulher que é victima de seu amor, que tudo quanto era deu a quem tudo lhe quer pagar com tam pouco.

A mulher triumphou. As últimas palavras do vencido são bellas:

—'Pois fique ésta mão ja fria
Na sua mão adorada:
De Dom João é viuva,
Condessa será chamada.'

Estes grandes quadros desenhados em poucos traços, vivos so de verdade e natureza, são —não me canço de o fazer notar—os que dão á poesia do romance este vigor que se não acha n'outras, este character que a distingue em todas as nações, em todas as linguas.

Mais adeantada civilização trará poetas que *inluminem*, que repintem a côres estes simples desenhos a lapis do menestrel. Mas crear

não hãode elles nunca, se não fecharem os livros escriptos, para abrirem o do coração, para estudar por elle o homem, a natureza que o cria, e o Deus que o fez.

O presente romance veio-me do Minho, variantes notaveis não me appareceram; nas collecções castelhanas não está; e não o creio —isto é, não o presinto mais antigo do que o seculo XV ou principios do XVI.

DOM JOÃO

Lá das bandas de Castella
Triste nova era chegada:
Dom João que vem doente,
Mal pezar de sua amada!
São chamados tres doutores
Dos que têem mais nomeada:
Que, se algum lhe désse vida
Teria paga avultada.
Chegaram os dois mais novos,
Dizem que não era nada;
Porfim que chega o mais velho,
Diz com voz desinganada:
—'Tendes tres horas de vida,
E uma está meia passada;
Essa é para o testamento:
Deixar a alma incommendada!

A outra é para os sacramentos,
Que inda é mais bem impregada.
Na terceira as despedidas
Da vossa dama adorada.'

Estando n'éstas conversas,
Dona Isabel que é chegada.
Ergueu os olhos para ella
Com a vista ja turvada:
—'Ainda bem que vieste,
Minha prenda desejada,
Que tanto queria ver-te
N'ésta hora minguada!'
—'Tenho fe na Virgem sancta,
N'ella venho confiada,
Que me hade ouvir e salvar-te,
Que o teu mal não será nada.'

—'Oh! que se eu chegar a erguer-me,
Minha rosa namorada,
No vaso d'este meu peito
P'ra sempre serás plantada,
Co'as bençãos de um arcebispo
E de agua benta regada,
Co'a estolla da sancta egreja
Ao meu coração atada.'

Estando n'éstas conversas,
Sua mãe que era chegada:

—'Que tens tu, filho querido
D'ésta alma amargurada?'
—'Tenho, mãe, que estou morrendo,
Que ésta vida está acabada;
Com so tres horas por minhas,
E uma ja meio passada.'
—'Filho de minhas intranhas,
N'ésta hora minguada
Lembra-te se algo deves
A alguma dama honrada.'
—'Minha mãe, que devo, devo...
A Deus me não peça nada!
Dona Isabel que em má hora
Por mim fica diffamada.
Mas deixo-lhe mil cruzados
Para que seja casada.'
—'A honra não se paga, filho;
Mil cruzados não é nada.'
—'Ja lhe deixo mais duzentos
E a cruz de minha espada.'
—'A honra não se paga, filho;
Os cruzados não são nada.'
—'Deixo-a a estes tres doutores
Muito bem incommendada;
E a vós, minha mãe, vos peço
Que a tenhais bem guardada.
O que com ella casar
Tem uma villa ganhada;
O que lhe disser que não

Tenha a cabeça cortada.'
—'A honra não se paga, filho,
Nem com terras é comprada:
Se a essa dama lhe queres,
Não a deixes deshonrada!'
—'Pois fique ésta mão ja fria
Na sua mão adorada:
De Dom João é viuva,
Condessa será chamada.'

XXII

HELENA

Se a Dona Isabel da xácara antecedente achou na mãe do seu amante todas as divinas compaixões de um coração feminino, Helena, a boa Helena d'este romance, não incontrou na mãe de seu marido senão a proverbial 'sogra' de todos os rifões e dittados de todos os povos. Inredadora, invejosa, má-lingua, sogra emfim, sogra extreme, e puro sangue— como em stylo cigano do Jockey-club, manda a moda anglo-galla que hoje se diga—a sogra excita com dicterios e mentiras a bruteza estupida de seu filho: faz com que elle vá arrancar da cama, e trazer de noite para sua detestavel casa, a infeliz mulher que, sentindo-se com dôres de parto, tinha ido para a de sua mãe buscar o aninho e confôrto que juncto

da odiosa sogra não podia achar. Cego de cholera e despeito, o bruto a nada attende. É a morte que lhe dá; bem o sabe, mas pouco lhe importa. A resignação angelica da victima, as suas despedidas ao filhinho recem-nascido, as deixas de seu testamento quando se sente finar nas desabridas alturas 'd'aquella serra' por onde a levam n'aquelle cavallo andaluz que 'anda mais que o luar'—tudo são bellezas de primeira ordem, poesia de coração e verdade.

Obtive este romance em Maio de 1843 de uma saloia velha das vizinhanças de Lisboa. Outra licção veio depois, da Beiralta, que não differe muito. Sempre noto porêm alguma variante, pôstoque ellas valham pouco. Parece-me portuguez de nascença; não ha d'elle vestigio em collecção castelhana de que eu saiba.

HELENA

—'Ai! que saudades me apertam
Pela casa de meu pae!
Tambem me apertam as dores,
E minha mãe sem chegar!'
—'Se as saudades te apertam,
Bem n'as podes ir mattar;
As dores não serão muitas,
Toma o caminho—e andar!'
—'E á noite meu marido,
Quem lhe dará de cear?'
—'Da caça que elle trouver,
Eu lh'a farei amanhar[1].
Do meu pão e do meu vinho
O que elle quizer tomar.'

[1] Aprestar—BEIRALTA.

—'Onde está mi' espôsa Helena
Que me não dá de cear?'
—'Tua espôsa Helena, filho,
Foi-se para não tornar.
Que ia para sua casa,
Que nos não póde aturar.
Chamou-me a mim perra velha,
A ti filho de mãe tal.'
—'O meu cavallo andaluz[2]
Ja e ja m'o vão sellar.
Essa mulher, por Deus juro
Que ella m'as tem de pagar.'

—'As boas novas, meu genro[3],
Que tenho para vos dar!
Filho barão, e tam lindo,
Um anjo de pôr no altar!'
—'Novas me dão, boas novas;
Más as trago eu para dar:
Que a mãe que o pariu
Não é que o hade criar.
Ergue-te d'ahi, Helena,
Que me tens de accompanhar.'
—'Paridinha de uma hora,
Onde a quereis levar?'

[2] Que me sellem meu cavallo,
Depressa, não devagar.—EXTREMADURA.
[3] Alviçaras, meu irmão,
Que ja m'as devias de dar.—BEIRALTA.

—'Para perto, e bom caminho;
Não tem muito que penar,
Que o meu cavallo andaluz
Anda mais do que o luar.'
—'Ande elle, que não ande,
Onde a quereis levar?'
—'Call'-se d'ahi, minha mãe,
Ja se havia de callar;
Que a mulher que é bem casada,
O marido a hade mandar.
Que me dem a minha cinta,
Para eu me conchegar,
E esse meu gibão forrado
Para melhor me abafar.
E agora dem-me o meu filho,
Que o quero abraçar.
Ai! d'estes beijos, meu filho,
Se te saberás lembrar?
Lembrae-lh'o vós, minha mãe,
Quando elle souber fallar.'
—'Que dizes, filha, que dizes?'
—'Minha mãe, isto é folgar;
Que é tam perto e bom caminho
Para onde temos de andar;
E o cavallo andaluz,
Anda mais do que o luar.'
O cavallo era andaluz
Andava mais que o luar;
O caminho era de pedras,

Elle ia a tropeçar.
Vão andando, vão andando
Sem um nem outro fallar,
Ella ja tem as mãos frias,
O corpo está-lhe a inchar;
Chegando ao alto da serra[4]
Deu um ai, quiz desmaiar.
—'Que ais são esses, Helena?
Porque estás a suspirar?'
—'É que se me acaba a vida,
É que me estou a finar:
Paridinha de uma hora,
Sinto-me em sangue alagar.'

Ja se não tem a cavallo,
Alli a foi apear:
Era a agonia da morte
Que ja lhe estava a apertar.
—'A quem deixas o teu oiro[5],
Que t'o hajam de estimar?'
—'Deixo-o a minhas irmans,
Se tu lh'o quizeres dar.'
—'A quem deixas essa cruz
E as pedras do teu collar?'
—'A cruz, deixo-a a minha mãe

[4] Lá no mais alto da serra—EXTRÈMÁDURA.

[5] *Oiro* em stylo camponez quer dizer—joias, ornatos de oiro de pessoa. *O meu oiro* é o oiro com que me adórno—como em stylo de cidade a *minha prata* é a prata de meu serviço de casa.

Que por mim lhe hade rezar.
As pedras não as quer ella,
E bem n'as podes guardar:
Se a outra as deres, marido,
Melhor lh'as deixes lograr.'
—'Tua fazenda a quem deixas,
Que t'a saibam grangear?'
—'Deixo-t'a a ti, marido;
Que t'a deixe Deus gosar!'
—'A quem deixas o teu filho
Que t'o hajam de criar?'
—'A tua mãe—que Deus queira
Amor lhe venha a ganhar!'
—'Não o deixes a essa perra,
Que é capaz de t'o mattar.
Ai! deixa-o antes á tua,
Que bem n'o hade criar.
Com lagrymas de seus olhos
Bem n'o ella hade lavar;
Toucas de sua cabeça [6]
Tirará para o pençar.'
De ouvir aquellas palavras
A pobre quiz-se animar;
Mas a voz que vem do peito
A bôcca não póde achar. [7]
Inda lhe disse c'os olhos

[6] E as toucas da cabeça
Despirá para o pençar.—EXTREMADURA.

[7] Não póde á bôcca chegar.—BEIRALTA.

Que lhe estava a perdoar.
—'Não me perdoes, Helena,
Que Deus não te hade escutar.
Ai! as penas do inferno,
Ja as eu começo a penar,
Que vejo subir ao çeo
O meu anjo tutelar.
Mal hajam linguas traidoras[8]
E ouvidos que lhe eu fui dar!
Que por amor das más linguas
Meu anjo vim a mattar!
Sette annos e mais um dia
Me irei a peregrinar,
Á porta sancta de Roma
Me quero ir ajoelhar;
E aqui um sancto convento
Fundarei n'este logar,
Com sette missas por dia
Cada uma em seu altar;
Que digam todos que o virem:
'Aqui foi seu mal-peccar,
E aqui fez penitencia
Para Deus lhe perdoar.'

[8] Mal hajam as linguas taes
E ouvidos que lhe eu fui dar,
Que por amor das más linguas
Meu amor vim a mattar.—EXTREMADURA.

XXIII

A MORENA

Este romance é vulgar na Extremadura e Beira e nas duas provincias d'alêm do Tejo. Seguiu-se principalmente o exemplar vindo de Castello-branco, que era o mais amplo; mas approveitou-se de outras licções provinciaes o que foi necessàrio para lhe dar complemento. Transmittidas de bôcca em bôcca, — não me canso de o repisar — por tantas gerações, éstas coplas foram-se alterando com mutilações e interpolações graduaes, mas não constantes nem uniformes. O rustico menestrel de uma aldea tinha ás vezes pretenção de corrigir e enfeitar a singeleza dos primitivos cantares; outras, a avó velha que os recitava á lareira aos pasmados netinhos, cortava o que lhe parecia demais ou o que lhe

esquecia; não poucas vezes, algum Macías namorado recorreu, na esterilidade de sua musa, ao bem parado d'este depósito commum, e, com mudanças de nomes e sitios, transformou a historia de uma antiga aventura em monumento moderno de suas glórias ou desgraças—como das mutiladas reliquias de um templo d'Isis se fazia nas eras byzantinas uma basilica de christãos; como de versos de Virgilio se compunham os celebrados *centões;* de pensamentos de Homero, de phrases de todos os poetas antigos, cozidos uns nos outros, se urdiam os poemas latinos de ha dois e tres seculos; como ainda até ha bem pouco tempo se escreviam tambem quasi todos os mesmos poemas vulgares. Dem desconto á simplicidade da obra e á inexperiencia do artista, e hãode achar a comparação exacta.

Fazia-se isto porêm desvairadamente em epochas e logares differentes; e d'aqui a necessidade de collacionar as tradições de uma provincia, de um districto, de uma aldea ás vezes, com as de outra.

No romance da 'Morena' não parecem des-

cubrir-se vestigios de mui remota antiguidade: assim a adivinhar, deitá-lo-hia pelo seculo dezeseis. A elle sabe o mandar os escravos *á fonte buscar agua*, o *manteo de cochonilha*, e outras expressões que taes. Tem comtudo um cérto sàbor de originalidade no stylo, um tom familiar sem baixeza, um natural tam despido de todo o ornato, que lhe imprimem o cunho verdadeiro e inquestionavel da poesia primitiva de um povo. Quando quer que nascesse ésta flor singella, foi na serra inculta, foi entre o mato virgem dàs florestas, longe das formalidades da arte, das fataes tesoiras e indigestos adubos do jardineiro.

O assumpto é uma vulgar aventura d'aldea — d'essas que fez tam communs a devassidão dos mosteiros ruraes: isso mesmo a deixou porventura conservar na memoria dos homens como historia do que tinha sido, do que era e sería. Na última copla ha uma pincelada de mestre, dos mestres que faz a natureza, sublime de verdade e profunda de moral: ao incarar com a victima de sua profana leviandade, estendida n'uma tumba, o seductor *riu-se*,

e o marido — diz o sincero trovador — *o marido é que chorava!*

Não se tomaram aqui liberdades de editor que restaura: é o quadro velho limpo, mas não repintado. Algumas camadas de côr postiça, que tinha porcima, cahiram ao lavar, e ficou mais claro o desenho original. Não foi preciso, como n'outros casos muitas vezes é, cozer a tella rasgada ou avivar o desenho summido: o fundo estava são e inteiro.

Nas collecções castelhanas não ha vestigio d'este romance; tenho-o por inteiramente portuguez e absolutamente popular.

A MORENA

Fui-me á porta da Morena[1],
Da Morena mal casada:
—'Abre-me a porta, Morena,
Abre-m'a por tua alma!'
—'Como te heide abrir a porta,
Meu frei João da minha alma,
Se tenho a menina ao peito

[1] Em algumas licções provinciaes, designadamente nas da Extremadura, começa assim:

Ergueu-se frei Joanico
Um dia de madrugada,
Vestido de ponto em branco
E tangendo sua guitarra,
Foi-se á porta de Morena,
A Morena etc. — EXTREMADURA.

E meu marido á ilharga?'
Estando n'estas razões,
O marido que acordava:
—'Que é isso, mulher minha[2],
A quem dás as tuas fallas?'
—'Digo á môça do forno,
Que veio ver se amassava,
Se amassasse pão de leite,
Que lhe deitasse pouca agua.'
—'Ergue-te, ó mulher minha,
Vai cuidar da tua casa;
Manda teus moços á lenha,
Teus escravos buscar agua.'
—'Ergue-te d'ahi, marido,
Vai ao monte pela caça;
Não ha coelho mais certo
Do que é o da madrugada.'

O marido que sahia,
Morena que se infeitava;
Seu manteo de cochonilha[3]
De dôze tostões a vara,
Meia de seda incarnada
Que na perna lhe estalava,

[2] Que é isso, Morenita—ALEMTEJO.
[3] Com seu mantinho de lustro
Que o vento lh'o levava,
Seu sapatinho picado
Que no pé lhe rebentava—EXTREMADURA.

Sua bengalla na mão
Que mal no chão lhe tocava.
Foi-se direita ao convento,
Á portaria chegava.
O porteiro é frei João[4]
Que pela mão a tomava;
Levou-a á sua cella,
Muito bem a confessava...
Penitencia que lhe deu,
Logo alli mesmo a resava.

Á sahida do convento
O marido que a incontrava:
—'Donde vens, ó mulher minha,
Donde vens tam arraiada?'
—'Venho de ouvir missa nova,
Missa nova bem cantada:
Disse-a o padre frei João,
Que assim venho consolada.'
—'Consolar-te heide eu agora
Com a ponta d'esta espada...[5]'
Deu-lhe um golpe pelos peitos,
Deixou-a morta deitada.
—'Não se me dá de morrer,
Que o morrer não custa nada;

[4] Frei João que a viu chegar,
Em vez de correr, saltava.—BEIRALTA.
[5] Com o ôlho d'esta enchada—BEIRALTA.

Da-se-me da minha filha,
Que a não deixo desmamada!'
—'Fôras tu melhor mãe que es,
Não fôras tam mal casada,
Não havias de morrer
D'esta morte desastrada.'

Levavam-n'a ao convento,
N'uma tumba amortalhada:
Surria-se o frei João,
E o marido... é quem chorava.

XXIV

DONZELLA QUE VAI Á GUERRA

Apezar de que se não incontra nas collecções impressas, sabemos, pelos nossos escriptores portuguezes, que este romance é de inquestionavel origem castelhana. Por fins do seculo XVI ainda se cantava na *sociedade*, por gentis damas e galantes cavalheiros; e, ja se vê, em castelhano se cantava. D'esse tempo escrevia Jorge Ferreira na AULEGRAPHIA[1]: 'Não ha entre nós quem perdoe a hũa troua 'portugueza, que muytas vezes he de vanta-'gem das castelhanas que se tem aforado 'comnosco e tomado posse do nosso ouvido.' Bem ás-vessas do que succedia dois seculos antes, em tempos do marquez de Santillana,

[1] AULEGRAPHIA, act. II, sc. 9, fol. 66. vers. da ed. de 1619.

que os castelhanos trovavam em portuguez para serem acceitos seus dizeres e cantares na propria côrte dos reis de Castella [1].

Devia dar-se, ao menos entre nós, a este romance o seu titulo primitivo *'O rapaz do Conde Daros'*, porque assim lhe chama Jorge Ferreira em outra das muitas curiosas scenas da ja citada AULEGRAPHIA, tam riccas todas de preciosa e rara informação para o estudo dos costumes e usos d'aquelle tempo. É na primeira do acto III, chistosa e desinfadada conversação entre dois galantes do paço, Dinardo Pereira e Grasidel de Abreu, que se divertem fazendo de *l'esprit* á moda do tempo, com agudezas e requintes, em quanto não vem o jantar 'que está para dois toques'. Tracta-se entre aquelles fashionaveis da era de quinhentos, de fazer alguma coisa elegante: sonetos, por exemplo, trovas, ou quejandas galanices d'então — como hoje sería jogar um *ruber* (róber?), experimentar uma walsa nova no piano etc. Não é o menos gra-

[1] Carta do marquez de Santillana ao condestavel de Portugal: pag. LVII, tom. I da collecção de Sanches, Madrid 1779.

cioso d'este quadro, o áparte dos dois criados Rocha e Cardoso, que á soccapa estão glosando e mettendo a ridiculo os alambicados conceitos dos amos. Dinardo, que é o mais prendado, resolve-se emfim pelo romance e a guitarra.

DINARDO

Ora poys que assi te tocarey: *O rapaz do Conde Daros.*

ROCHA

De prazer vem vosso amo, algum passarinho novo vio lá.

CARDOZO

Vería muyto má ventura, que sempre anda apos estes...

DINARDO, canta

Pregonadas son las guerras
De Francia contra Aragone...

ROCHA

O que elle tem para seu remedio he gentil voz!...

DINARDO, continuando a cantar

Como las haria triste
Viejo cano y pecador?...
(Quebra-se-lhe uma corda) Ah pezar de Mafoma!

CARDOZO

Quebrou-lhe a prima, inda bem!

DINARDO

Vedes este desar tem a musica, quando estais no melhor, leixa-vos em branco uma prima falsa...[1]

Dei mais largas á curiosa citação por ser, como é, tam indubitavel e interessante do-

[1] AULEGRAPHIA, act. III, sc. I, fol. 84.

cumento para a historia do romance em Portugal, e porque tambem são ja rarissimos os exemplares d'essa obra de Jorge Ferreira.

Assim andava pois este romance, extrangeiro, e por tal prezado na alta sociedade portugueza; até que, descendo dos salões para o terreiro, a popularidade o naturalizou. Era castelhano no paço, foi-se fazer portuguez na aldea.

Vai em tres seculos que Jorge Ferreira nos deu as últimas novas d'elle quando andava por casas de senhores; achamo-lo hoje á lareira d'algum pobre abegão do Alemtejo, — que para riccos lavradores, com filhas que ja contradançam talvez, senão é que walsam e polkam tambem — é o triste de muito má companhia ja. Tambem das provincias do Norte vieram notícias e cópias d'elle; dos Açores é a mais completa ou a mais extensa que me chegou. Desvairados nomes traz das diversas provincias: aqui é 'Dona Leonor' alêm 'Dom João' n'outra parte 'Dom Carlos' etc.

Quando ha dez annos o erudito auctor de

ISABEL OU A HEROINA DE ARAGÃO[1] o publicou sob o mesmo titulo e como illustração e fundamento do seu poema, era este o quarto romance tradicional que apparecia impresso em portuguez; contando o primeiro no suspeitoso 'Figueiredo' de Fr. Bernardo de Brito, o segundo e terceiro na 'Silvana' e no 'Bernal-Francez' que eu publicára em 1828 em Londres.

Deixo-lhe por titulo, o que trouxe das ilhas, da 'Donzella que vai á guerra', porque lhe acho certa graça e simplicidade toda popular, bem propria sempre de taes rhapsodias.

São muitas as variantes, por ser este romance dos mais espalhados pelo reino, e mais favoritos do povo.

[1] ISABEL OU A HEROINA DE ARAGÃO por J. M. da Costa e Silva. Lisboa, 1832.

DONZELLA QUE VAI Á GUERRA

—'Já se apregoam as guerras[1]
Entre França e Aragão:
Ai de mim que ja sou velho,
Não nas posso brigar, não[2]!
De sette filhas que tenho
Sem nenhuma ser barão!...'
Responde a filha mais velha[3]
Com toda a resolução:

[1] Pregoadas são as guerras
Entre França e Aragão.
Como as faria triste
Velho cano e peccador?—LICÇÃO ANTIGA EM JORGE FERREIRA.

[2] As guerras me acabarão—LISBOA.
Triste de mim que sou velho,
As guerras me acabarão.—ALEMTEJO, EXTREMADURA.

[3] Responde Dona Guiomar—LISBOA.

—'Venham armas e cavallo
Que eu serei filho barão.'
—'Tendes los olhos mui vivos[4],
Filha, conhecer-vos-hão.'
—'Quando passar pela armada[5]
Porei os olhos no chão.'
—'Tendes-los hombros mui altos
Filha, conhecer-vos-hão.'
—'Venham armas bem pesadas,
Os hombros abaterão[6].'
—'Tende'-los peitos mui altos
Filha, conhecer-vos-hão.'
—'Venha gibão apertado[7],
Os peitos incolherão.'
—'Tende'-las mãos pequeninas[8]
Filha, conhecer-vos-hão.'

[4] 'Tendes las tranças compridas,
Filha, conhecer-vos-hão.'
—'Venham ja umas tesouras,
As tranças irão ao chão.—MINHO.
—'Tendes los olhos garridos—AÇORES.
[5] Pela hoste—BEIRALTA.
Pelos homens—MINHO.
[6] Abaixarão—LISBOA.
Incolherei os meus peitos
Dentro de meu coração.—MINHO.
[7] Venha ja um alfaiate
Faça-me um justo gibão.—EXTREMADURA, ALEMTEJO, ALGARVE.
[8] Delicados—ALEMTEJO, BEIRALTA.
Muito finos—BEIRABAIXA.

—'Venham ja guantes de ferro[9],
E compridas ficarão.'
—'Tende'-los pés delicados,
Filha, conhecer-vos-hão.'
—'Calçarei botas e esporas,
Nunca d'ellas sahirão.'

—'Senhor pae, senhora mãe,
Grande dor de coração;
Que os olhos do conde Daros[10]
São de mulher, de homem não.'
—'Convidae-o vós meu filho,
Para ir comvosco ao pomar[11].
Que se elle mulher for,
Á maçan se hade pegar[12].'
A donzella por discreta,

[9] Mette-las-hei n'umas luvas — EXTREMADURA.
Calçá-las-hei n'umas luvas,
D'ellas nunca sahirão. — ALEMTEJO, MINHO.
Venham manapolas de ferro — TRAS-OS-MONTES.
Os pés bem grandes serão — MINHO, BEIRALTA.

[10] Dom João — AÇORES.
Dom Martinho — LISBOA, ALEMTEJO.
Dom Marcos — EXTREMADURA.
Dom Claros — MINHO.

[11] Jardim — MINHO, AÇORES, LISBOA.

[12] Co'as rosas se hade tentar — LISBOA.
Com flores se hade armar — MINHO.
As rosas o hãode buscar — AÇORES.

O camoez foi apanhar[13].
—'Oh que bellos camoezes
Para um homem cheirar!
Lindas maçans para damas
Quem lh'às podéra levar!'
—'Senhor pae, senhora mãe,
Grande dor de coração;
Que os olhos do conde Daros[14]
São de mulher, de homem não.'
—'Convidae-o vós, meu filho,
Para comvosco jantar;
Que, se elle mulher for[15]
No estrado se hade incruzar[16].'
A donzella, por discreta,
Nos altos se foi sentar[17].
—'Senhor pae, senhora mãe,
Grande dor de coração;
Que os olhos do conde Daros[18]

[13] Á lima se foi pegar:
—'Oh que bella lima ésta!'—LISBOA.
Uma cidra foi mirar—ALGARVE, MINHO.

[14] As mesmas variantes respectivas.

[15] Porque no partir do pão
Se virá a delatar:
Que se elle o partir no peito,
Por mulher se hade mostrar.—AÇORES.

[16] Baixo assento hade ir buscar—MINHO.

[17] O mais alto foi buscar—LISBOA.
No mais alto quiz estar—MINHO.

[18] As mesmas variantes.

São de mulher, de homem não.'
—'Convidae-o vós, meu filho,
Para comvosco feirar;
Que, se elle mulher for,
Ás fittas se hade pegar.'
A donzella, por discreta,
Uma adaga foi comprar[19]
—'Oh que bella adaga ésta
Para com homens brigar!
Lindas fittas para damas:
Quem lh'as podéra levar!'
—'Senhor pae, senhora mãe,
Grande dor de coração;
Que os olhos do conde Daros
São de mulher, de homem não.'
—'Convidae-o vós, meu filho,
Para comvosco nadar;
Que, se elle mulher for,
O convite hade escusar[20].'
A donzella, por discreta,
Começou-se a desnudar...
Traz-lhe o seu page uma carta,
Pôs-se a lêr, pôs-se a chorar:

[19] N'uma adaga foi pegar—LISBOA.
Foi uma espada apreçar—MINHO.
Oh que lindas fittas verdes
Para môças inganar!—AÇORES.
[20] Desculpa vos hade dar—LISBOA.
Ja se hade acovardar—ALEMTEJO.

—'Novas me chegam agora,
Novas de grande pezar:
De que minha mãe é morta,
Meu pae se está a finar.
Os sinos da minha terra
Os estou a ouvir dobrar;
E duas irmans que eu tenho,
D'aqui as oiço chorar.'
—'Monta, monta, cavalleiro!
Se me quer acompanhar.'
Chegavam a uns altos paços[21]
Foram-se logo apear.
—'Senhor pae, trago-lhe um genro,
Se o quizer acceitar;
Foi meu capitão na guerra,
De amores me quiz contar...
Se ainda me quer agora,
Com meu pae hade fallar.'

Sette annos andei na guerra
E fiz de filho barão:
Ninguem me conheceu nunca
Senão o meu capitão;
Conheceu-me pelos olhos,
Que por outra coisa não.

[21] Chegam juntos do castello — LISBOA.

XXV

O CAPTIVO

Vendido no mercado de Salé pelos corsarios que o tomaram, um pobre captivo christão vai ser escravo de avarento e ricco judeu, que lhe dá negra vida. É o primeiro capitulo de uma historia sabida e commum: e naturalmente se espera ja o segundo, que é namorar-se do interessante captivo a bella filha do mau perro judio, animá-lo, consolá-lo, querer fugir com elle de moirama.—Atéqui vamos pela estrada coimbran d'estas aventuras, que por seculos foram quasi quotidianas entre nós. Mas d'ahi por deante o caso sai um tanto da marcha ordinaria. O captivo não renega nem foge com a bella judia; e ella apaixonada, rendida, perdida... conhece porfim que não é amada: nos molles braços da

amante, o ingrato christão suspirava, chorava por sua terra talvez, por outros amores, quem sabe? Mas

'Chorava — que não por ella!'

Não se espera a vingança da bella judia: dá-lhe dinheiro para se resgatar, dinheiro do seu d'ella que sua mãe lhe deixára. Apertada pelo pae que suspeita a verdade, ella confessa tudo, mas defende o christão por innocente; e só de uma alta tôrre, contempla a última vela que lhe foge no horisonte com o ingrato amante.

O romance anda por Lisboa, Ribatejo e Extremadura fóra; não me chegou informação de que se internasse mais pelas provincias: não deve de ser mais antigo que o meado do seculo XVII se a copla em que se allude a Ceuta e a Mazagão não é 'rifacimento' moderno, como tambem póde ser, e me inclino a crer que é, porque no resto, o sabor e o stylo é mais velho.

Não apparece nas collecções castelhanas; e se não foi originalmente escripto em portu-

guez, nacionalizou-se por tal modo, que se lhe não descobre vestigio bem auctorisado e certo de outra origem. Nem façam dúvida os artigos *lo, la* em vez de *o, a;* porque não só os escriptores antigos, mas o povo de hoje os substitue assim a miudo quando lh'o pede o mal soante do hyato. Tambem dizem *mi'* por *minha, padre* e *madre* por *pae* e *mãe;* e outros que parecem castelhanismos sem o serem. *Me' pae* diz ainda hoje, por euphonia, o alemtejano, como em tempos de Gil-Vicente, se dizia e cantava *m' amor* por *meu amor*.

O CAPTIVO

Eu vinha do mar de Hamburgo[1]
N'uma linda caravella;
Captivaram-nos os moiros
Entre la paz e la guerra.
Para vender me levaram[2]
A Salé, que é sua terra.
Não houve moiro nem moira
Que por mim nem branca dera[3];

[1] Meu pae era de Hamburgo,
Minha mãe de Hamburgo era. — RIBATEJO.

[2] Me levaram a vender
A Salé, que é má terra. — EXTREMADURA.

[3] *Ni blanca* é claramente castelhano dizer; mas nos mais puros nossos escriptores se incontra. Ditto familiar que se introduziu então, como hoje dizemos tanta palavra e phrase franceza ou ingleza, por termos com as coisas, livros e usos d'estas nações, o mesmo tracto que então tinhamos com castelhanos.

Só houve um perro judio
Que alli comprar-me quizera;
Dava-me uma negra vida,
Dava-me uma vida perra:
De dia pisar esparto,
De noite moer canella,
E uma mordaça na bôcca
Para lhe eu não comer d'ella.
Mas foi a minha fortuna.
Dar c'uma patroa bella,
Que me dava do pão alvo,
Do pão que comia ella.
Dava-me do que eu queria,
E mais do que eu não quizera,
Que nos braços da judia
Chorava – que não por ella.

Dizia-me então: —'Não chores,
Christão, vai-te á tua terra.'
—'Como me heide eu ir, senhora,
Se me falta la moeda?'
—'Se fôra por um cavallo,
Eu uma egua te dera[4];
Se fôsse por um navio,
Dera-te uma caravella[5].'
—'Não fôra por um cavallo,
Não fôra, senhora bella,

[4] Eu te daria uma egua — RIBATEJO.
[5] Dar-te-hia uma gallera — LISBOA.

Que está longe Mazagão,
Ceuta tem voz de Castella.
Nem por navio não fôra,
Que eu fugir não quizera,
Que era roubar a teu pae
Dinheiro que por mim dera.'
—'Toma ésta bolsa, christão,
Feita de seda amarella[6];
Minha mãe quando morreu
Me deixou senhora d'ella.
Vai-te, paga o teu resgate;
E ás damas de tua terra
Dirás o amor da judia
Quanto mais vale que o d'ellas.'

Palavras não eram dittas,
O patrão que era chegado.
—'Venhais embora, patrão,
E vinde com Deus louvado,
Que agora tenho recado
Que o meu resgate é chegado[7].'
—'Christão, Christão, que disseste!
Olha que é muito cruzado.
Quem te deu tanto dinheiro

[6] Com mil dobrões dentro d'ella.
Co'as mil doblas que estão n'ella.—RIBATEJO.

[7] Este é um dos muitos exemplos de se faltar de vez em quando á força da lei da redondilha, augmentando-a com dois versos no mesmo repisado consoante ou toante obrigado.

Para seres resgatado?'
—'Duas irmans m'o ganharam,
Outra m'o tinha guardado[8];
E um anjo do ceo m'o trouxe,
Um anjo por Deus mandado.'
—'Dize-me, ó christão, dize
Se queres ser renegado,
Que te heide fazer meu genro,
Senhor de todo o meu estado.'
—'Eu não quero ser judio
E nem turco arrenegado,
E não quero ser senhor,
De todo esse teu estado[9],
Porque trago no meu peito
A Jesus crucificado[10].'

—'Que tens tu, filha Rachel[11]?
Dize-me cá, filha amada,
Se é pelo christão malditto[12]

[8] Que por mim estão a soldado—RIBATEJO.

Ésta phrase *a soldado* para dizer: estão servindo *a soldada, a sôldo, como criados*, etc. foi nova para mim; vê-se porêm que é legítima portugueza. Não approveitei para o texto ésta variante por causa da amphibologia.

[9] De todo esse teu reinado—EXTREMADURA.

[10] Outro exemplo de acrescentar dois versos á redondilha, más sem repetir o consoante senão em um d'elles.

[11] Anda cá, ó filha Angelica—LISBOA.

[12] Se é pelo christão que choras,
Que te deixou deshonrada.—RIBATEJO.

Que ficaste desgraçada.'
—'Meu pae, deixe o christão, deixe,
Que elle não me deve nada:
Deve-me a flor de meu corpo,
Mas de vontade foi dada.'

Mandou fazer-lhe uma tôrre
De pedraria lavrada;
Que não dissessem os moiros:
—'A judia é deshonrada.'
Violla, minha violla,
Fica-te aqui pendurada [13],
Que lá vão os meus amores
Por essa agua salgada.

[13] Aqui te deixo por mão,
Que os amores da judia
Pelas ondas do mar vão.—RIBATEJO.

XXVI

A NAU CATHRINETA

Não é para admirar que seja tam geralmente sabida e querida ésta xácara. O que admira é que não seja mais commum entre nós o romance maritimo. Um paiz de navegantes, um povo que viveu mais do mar que da terra; que as suas grandes glórias as foi buscar ao largo oceano; que por não caber em seus estreitos limites de Europa, devassou todo o imperio das aguas para se extender pelo universo, — não póde deixar de ter produzido muito Cooper popular e muito Camões de rua e de aldea que, em seus pequenos Lusiadas, cantasse as mil aventuras de tanto galeão e caravella que se lançavam destemidos

Por máres nunca d'antes navegados.

Temos em prosa muita relação popular de

naufragios que rivaliza em simplicidade antiga com os Chronicons da meia-edade, e cujos escriptores parecem discipulos do arcebispo Turpin, do auctor da 'Formosa Magallona' ou da 'Donzella Theodora.' Como elles, andaram muitos annos a cavallo em barbantes no logar do cego stacionario, ou no bornal do cego ambulante; e so em meios do seculo passado começaram a junctar-se em volumes na bem conhecida collecção intitulada 'Historia tragico-maritima [1].'

Algumas d'estas narrativas feitas por pessoas que tiveram parte na aventura, são palpitantes de interêsse e de verdade, contêem descripções inimitaveis, desenhadas do vivo, e taes que fazem impallidecer as mais animadas paginas do 'Reddrover' e do 'Pirata.'

Não cingrariam jamais com os nossos argonautas senão os Homeros das grandes Odysseas? Nunca um pobre menestrel do povo que dissesse na harpa ou na violla esses humildes cantares que não cabem na tuba epica, mas

[1] Historia tragico-maritima, em que se escrevem, etc. Por Bernardo Gomes de Brito. Lisboa occidental, 1735.

tambem não precisam dos characteres de Gerardo da Vinha ou de Craesbeck, porque se gravam na memoria do povo e se perpetuam no livro vivaz das gerações?

É impossivel: seus poetas tem, seus chronistas, seus historiadores; havia de ter seus menestreis e seus trovadores, a aventurosa vida de nossos mareantes.

Mas essas ingenuas rhapsodias, quem as apagou assim do livro popular? Que estupidos monges fizeram palimpsestes de suas páginas bellas?—que apenas hoje podêmos decyphrar a custo algum fragmento oblitterado como este!

Não é facil responder com precisão. Mas são certas as razões geraes e sabidas do orgulho monachal, e falso gôsto de nossos litteratos de universidade e de côrte. Se tirarmos Gil-Vicente e Bernardim-Ribeiro, o mesmo ou peior diremos dos poetas, que todos ou quasi todos venderam sua alma aos classicos latinos, aos italianos da renascença, e desprezaram, por vulgares, as primitivas fórmas de seus cantores naturaes.

'A nau Cathrineta' foi provavelmente o nome popular de algum navio favorito; diminutivo de affeição pôsto na Ribeira-das-naus a algum galeão Sancta-Catherina, ou coisa que o valha. Dar-lhe-iam esse appellido *coquet* por sua airosa mastreação, pelo talhe elegante de seu casco, por alguma d'essas qualidades graciosas que tanto apprecia o ôlho exercitado e fino da gente do mar. Ou talvez é o nome supposto de um navio bem conhecido por outro, que o discreto menestrel quiz occultar por considerações pessoaes e respeitos humanos. Entre as narrativas em prosa que ja citei, ha uma, por titulo — 'Naufragio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo do Brazil no anno de 1565' — que não está muito longe de se parecer com a do romance presente. Larga e difficil viagem, temporaes assombrosos, fome extrema, tentativas de devorarem os mortos, resistencia do commandante a ésta bruteza, milagroso surgir á barra de Lisboa quando menos o esperavam, e quando menos sabiam em que paragens se achassem — tudo isto ha na prosa da narração; e até o poetico

episodio de estarem a ver os monumentos e bosques de Cintra sem os reconhecer—como na xácara se viam, pela falsa miragem do demonio, as tres meninas debaixo do laranjal.

Fôsse porêm este, ou fôsse outro o caso que celebra o romance, houve tantos similhantes n'aquelles tempos, que de algum d'elles, e no fim do seculo XV ou no XVI, se havia de compor. Mais antigo não é. Alêm de outras razões, é hoje averiguado que a poesia primitiva da nossa peninsula rarissima vez admitte o maravilhoso, o *Deus ex machina* para solução de suas ingenuas peripecias. Composição em que elle appareça, quasi sem hesitar, se deve attribuir a origem franceza, franco-normanda, ou mais seguramente ainda á dos bardos e scaldos que por essas vias se derivasse até nós. Depois é que a mythologia de todas as crenças se confundiu, e ainda a mais extranha é a que mais figurava entre nós.

Tem muitas variantes a 'nau Cathrineta'; as mais notaveis vão appontadas.

A NAU CATHRINETA

Lá vem a nau Cathrineta[1]
Que tem muito que contar!
Ouvide agora, senhores,
Uma historia de pasmar.

Passava mais de anno e dia[2]
Que iam na volta do mar[3],
Ja não tinham que comer,
Ja não tinham que manjar.
Deitaram solla de molho
Para o outro dia jantar;

[1] Ora da nau Cathrineta
D'ella vos quero contar. — EXTREMADURA.
[2] Sette annos e um dia — MINHO.
[3] Todas as licções dizem assim, menos a do Algarve que adoptei.

Mas a solla era tam rija[4],
Que a não poderam tragar.
Deitam sortes á ventura
Qual se havia de mattar;
Logo foi cahir a sorte
No capitão general.

—'Sobe, sobe, marujinho,
Áquelle masto real[5],
Vê se vês terras de Hespanha,
As praias de Portugal.'
—'Não vejo terras d'Hespanha,
Nem praias de Portugal;
Vejo sette espadas nuas
Que estão para te mattar[6].'
—'Acima, acima, gageiro,
Acima, ao tope real!
Olha se inxergas Hespanha[7],
Areias de Portugal.'
—'Alviçaras, capitão,
Meu capitão general!
Ja vejo terras d'Hespanha,
Areias de Portugal.

[4] Mas a solla era tam dura,
Que a não podiam rilhar. — MINHO.
[5] Áquelle tope real. — LISBOA.
[6] Todas para te mattar — EXTREMADURA.
[7] Vê se vês terras d'Hespanha,
Areias de Portugal. — MINHO.

Mais inxergo tres meninas[8]
Debaixo de um laranjal:
Uma sentada a cozer,
Outra na roca a fiar,
A mais formosa de todas
Está no meio a chorar.'
—'Todas tres são minhas filhas,
Oh! quem m'as dera abraçar!
A mais formosa de todas
Comtigo a heide casar.'
—'A vossa filha não quero,
Que vos custou a criar.'
—'Dar-te-hei tanto dinheiro
Que o não possas contar.'
—'Não quero o vosso dinheiro,
Pois vos custou a ganhar.'
—'Dou-te o meu cavallo branco,
Que nunca houve outro egual[9].'
—'Guardae o vosso cavallo,
Que vos custou a insinar.'
—'Dar-te-hei a nau Cathrineta[10],

[8] Tambem vejo tres meninas — LISBOA.
... tres donzellas — BEIRA BAIXA.

[9] Para n'elle campear — RIBATEJO.

[10] A licção de Lisboa acaba aqui o romance por differente modo. Deixando o sobrenatural da tentação do demonio que toma a fórma do gageiro para tentar o capitão n'aquelle perigo, dá por verdadeira a apparição da terra, e conclue assim:

—'Que queres tu meu gageiro,
Que alviçaras te heide eu dar?'

Para n'ella navegar.'
—'Não quero a nau Cathrineta,
Que a não sei governar.'
—'Que queres tu, meu gageiro,
Que alviçaras te heide dar?'
—'Capitão, quero a tua alma
Para commigo a levar.'
—'Renego de ti, demonio,
Que me estavas a attentar!
A minha alma é só de Deus;
O corpo dou eu ao mar[11].'

Tomou-o um anjo nos braços,
Não n'o deixou affogar.
Deu um estouro o demonio,
Accalmaram vento e mar;
E á noite a nau Cathrineta
Estava em terra a varar[12].

—'Eu quero a nau Cathrineta
Para n'ella navegar.'
—'A nau Cathrineta, amigo,
É d'elrei de Portugal.
Mas ou eu não sou quem sou,
Ou elrei t'a hade dar.'

Outra licção tambem diz n'esta última copla:

Pede-a tu a elrei, gageiro,
Que t'a não póde negar.

[11] O corpo da agua do mar — RIBATEJO.

[12] A bom porto foi parar — RIBATEJO.

XXVII

O CEGADOR

A edição arraiana d'este romance que me veio de Tras-os-montes chama-lhe 'A filha do imperador de Roma.' Não a segui no titulo nem em muitas partes do texto, incostei-me antes á licção da Beiralta. E so éstas duas me chegaram; não me consta que n'outras provincias do reino seja conhecido.

Que imperador será este? Teremos aqui algum episodio da crapulosa historia byzantina, ou é outro capitulo licencioso da chronica secreta de Carlos-Magno? O trovador, que a trovou n'essa meia-edade, cujo sêllo visivelmente lhe pende de todas as coplas, não pôs nomes nem datas, segundo o geral costume: e adivinhe quem quizer se este imperador de Roma era do occidente ou do oriente, do alto ou do

baixo imperio, Cesar verdadeiro ou Kaiser de imitação germanica? Deve de ser d'estes ultimos pela menção do duque de Lombardia que no fim apparece.

A licção da Beira, que segui mais que a transmontana, tem muitas variantes obscenas que forçosamente deviam ser desprezadas. Nem as creio originaes, senão introduzidas pelo depravado gosto de algum *roué* d'aldea.

Nos romanceiros castelhanos não se incontra, e para o sul de Portugal é inteiramente desconhecido. Todavia, assim restituida pela collação dos dois textos que obtive, ésta ficou uma das mais completas reliquias da nossa poesia popular que possam incontrar-se.

O CEGADOR

O imperador de Roma
Tem uma filha bastarda
A quem tanto quer e tanto
Que a traz mui mal criada.
Pedem-lh'a condes, senhores [1],
Homens de capa e d'espada;
Ella isenta e desdenhosa
A todos lhes punha tacha:
Um é criança, outro é velho [2],
Este que não tinha barba,
Aquelle que não tem pulso
Para puchar pela espada.

[1] Pedem-lh'a duques e condes—TRAS-OS-MONTES.

[2] A uns que não eram homens,
Outros que não tinham barbas.—TRAS-OS-MONTES.

Dizia-lhe o pae surrindo:
—'Inda hasde ser castigada!
De algum villão de porqueiro
Te espero ver namorada.'

Por manhan de San' João,
Manhan de doce alvorada,
Ao seu balcão muito cedo[3]
A infanta se assomava.
Viu andar tres cegadores
Fazendo sua cegada;
O mais pequeno dos tres
Era o que mais trabalhava.
Fitta que traz no chapeu
De oiro e seda era bordada;
Fina prata que luzia
A foice com que ceifava.
De seu garbo e gentileza
A infanta se namorava.
O ceifeiro vai ceifando...
Bem sabe elle o que ceifava!

Alli estava a aia discreta
Em quem toda se fiava:
—'Ves, aia, aquelle ceifeiro
Que anda n'aquella cegada?

[3] Subiram-se a uma ventana
Uma ventana mui alta. — TRAS-OS-MONTES.

Condes, duques, cavalleiros,
Nenhum que o ceifeiro valha.
Vai-m'o chamar em segredo,
Que ninguem não saiba nada.'

—'Bom cegador, vem commigo,
Que te quer fallar minha ama.'
—'Tua ama, não n'a conheço
Nem tam pouco a quem me chama[4].'
—'Cegador de boa estrea,
Traze'la vista mui baixa:
Alça os olhos e verás
A estrella da madrugada.'
—'Vejo o sol que vem nascendo,
Não vejo a estrella d'alva.'
—'Estrella ou sol, vens commigo?'
—'Irei, pois quem póde, manda.'

Entraram por um postigo,
Que a porta inda era cerrada;
No camarim da princeza
O bom do ceifeiro estava.
—'Senhora que me quereis?
Pois venho á vossa chamada.'
—'Quero saber se te atreves
A fazer minha cegada?'

[4] Eu não conheço a senhora
Nem tam pouco a criada.—TRAS-OS-MONTES.

—'Atrever, me atrevo a tudo;
Trabalho não me accovarda.
Dizei vós, senhora minha,
Onde é a vossa cegada.'
—'Não é no monte ou no valle,
No baldio ou na coitada;
Cegador, é nos meus braços,
Que de ti estou namorada.'

Passou todo aquelle dia[5],
O mais da noite passava,
Ceifando vai o ceifeiro...
Bem sabe elle o que ceifava!
—'Basta, basta, cegador,
Feita está tua cegada:
Vai-te, que meu pae não venha,
Antes de ser madrugada.'

[5] Lá junto da meia-noite
Ao cegador perguntava:
—'Dizei-me, bom cegador
De quem eu fico pejada.'
—'Eu sou filho de um porqueiro
E meu pae porcos guardava.'
—'Oh, triste de mim, oh triste,
Oh, triste de mim coitada!
Pediram-me condes, duques,
Homens de capa e d'espada:
E agora eis-me aqui
De um porqueiro deshonrada.—TRAS-OS-MONTES.

N'esta licção de Tras-os-Montes que dá a Sr.ª Maria Joaquina do logar de Nantes, a xácara acaba com a variante citada.

Palavras não eram dittas,
O pae á cama chegava:
—'Com quem fallas, minha filha,
Tam cedo de madrugada?'
—'Fallo com ésta minha aia
Que me tem desesperada;
Uma cama tam malfeita
Que dormir me não deixava.'
—'É forte aia essa tua
Que a barba tem tam cerrada!
Vista-se ja a donzella,
Que, antes de ser madrugada,
Pelo barbeiro do algoz
A quero ver barbeada.'
O cegador muito inchuto
Sua sentença escutava,
Com uma mão se vestia;
Com a outra se calçava.
Saltou no meio da casa
Como se não fôra nada:
—'Venha ja esse barbeiro
Com a navalha affiada:
Ao duque de Lombardia
Veremos quem faz a barba.'

O imperador mui contente
Depressa alli os casava.
Não quiz senhores, nem condes
Homens de capa ou de espada,

Senão só o cegador
Que andava em sua cegada.
Podia ser um porqueiro
Que a deixasse deshonrada...
Sahiu-lhe um duque reinante,
Senhor de alta nomeada.
Pois tudo é sorte no mundo,
A sorte foi bem deitada.

XXVIII

A NOIVA ARRAIANA

Veio de Almeida ésta xácara; e de nenhuma outra parte do reino me chegou outra licção d'ella, nem vestigio. Bem antiga me parece. O fronteiro que mandou ao mar a armada do cavalleiro ausente, faz pensar que isto seja coisa do tempo das nossas emprezas de Africa. O logar da scena é inquestionavelmente na raia — e bem pôsto está ao romance o titulo de 'Noiva arraiana'. Mas aqui ha mar, e armadas que vão ao mar: não póde pois ser outra a raia senão a do Algarve. O stylo da cantiga é ingenuo e purissimo; os costumes que descreve primitivos e patriarchaes; ha um sabor homerico n'este narrar e n'este fallar, que ninguem póde confundir com o dizer estudado de trovadores mais modernos. Poetas de civilisação

mais adeantada não sabem ou não podem chegar tanto a rés da natureza.

O facto é simples e mil vezes visto. Outra edição da Lucia de Lamermoor, outro cavalleiro de Ravenswood que apparece derepente no meio da voda de sua debil e mal constante namorada, quando ella, ja desposada com outro, menos esperava tornar a ver o primeiro amante—o seu, o que ella unicamente quer. Quem se não lembra de Walter-Scott, e de Donizetti tambem, e do que vibram na alma as palavras de um, as notas do outro, inspiradas por ésta situação altamente dramatica, sublime de angústia e desesperação?

O nosso trovador arraiano tomou as coisas com mais tento e socêgo; não indoudeceu nem mattou a sua Lucia; e nem d'ella nem do seu Ravenswood nos diz que mattassem a mais ninguem. O cavalleiro portuguez faz justiça por outro modo nos que o tinham atraiçoado. Levou-lhes a noiva, e deixou-lhes ficar a voda e o jantar.

A NOIVA ARRAIANA

—'Deus vos salve, minha tia,
Na vossa roca a fiar!'
—'Venha embora o cavalleiro
Tam cortez no seu fallar!'
—'Má hora se elle foi, tia,
Má hora torna a voltar!
Que ja ninguem o conhece
De mudado que hade estar.
Por lá o mattassem moiros,
Se assim tinha de tornar!'
—'Ai sobrinho de minha alma,
Que es tu pelo teu fallar!
Não ves estes olhos, filho,
que cegaram de chorar?'
—'E meu pae e minha mãe,

Tia, que os quero abraçar?'
—'Teu pae é morto, sobrinho,
Tua mãe foi a interrar.'
—'Qu'é da minha armada, tia,
Que eu aqui mandei estar?'
—'A tua armada, sobrinho,
Mandou-a o fronteiro ao mar.'
—'Qu'é do meu cavallo, tia,
Que eu aqui deixei ficar?'
—'O teu cavallo, sobrinho,
Elrei o mandou tomar.'
—'Qu'é de minha dama, tia,
Que aqui ficou a chorar?'
—'Tua dama faz hoje a voda,
Ámanhã se vai casar.'
—'Dizei-me onde é, minha tia,
Que me quero lá chegar.'
—'Sobrinho, não digo, não,
Que te podem lá mattar.'
—'Não me mattam, minha tia;
Cortezia eu sei usar:
E onde faltar cortezia,
Ésta espada hade chegar.'

—'Salve Deus, ó lá da voda,
Em bem seja o seu folgar!'
—'Venha embora o cavalleiro,
E que se chegue ao jantar!'
—'Eu não pretendo da voda

Nem tam pouco do jantar;
Pretendo fallar á noiva,
Que é minha prima carnal.'

Vindo ella lá de dentro
Toda lavada em chorar,
Mal que viu o cavalleiro,
Quiz morrer, quiz desmaiar.
—'Se tu choras por me veres,
Ja me quero retirar;
Se é os teus gastos que choras,
Aqui estou para os pagar.'
—'Pagar devia co'a vida
Quem me quéria inganar,
Quando te deram por morto
N'essas terras d'além-mar.
Mas que fiquem com a voda
E bem lhes preste o jantar,
Que os meus primeiros amores
Ninguem m'os hade quitar.'

—'Venha juiz de Castella,
Alcaide de Portugal;
Que, se aqui não ha justiça,
Co'ésta espada a heide tomar.'

XXIX

GUIMAR

Dona Guimar — ou Dona Agueda — de Mexia, como lhe chama a licção do Alemtejo, é um interessante romancinho que apparece na tradição d'aquella provincia e na de Extremadura. Por ambas se apurou o texto que aqui dou.

Nem por outras provincias nossas, nem pelas collecções castelhanas ha outro vestigio d'elle, que eu saiba.

Não é muito antigo o stylo. Mas o facto celebrado é o de uma morte apparente com a qual parece se julgou dissolvido o matrimonio: e d'isto houve exemplos em tempos remotos em que tinham por certa a morte, e por verdadeira resurreição o tornar a si o supposto defuncto.

Seja porêm qual for a data d'esta composição, ha coplas d'ella que vão de par com o mais bello e original da poesia mais primitiva. Notarei specialmente a volta de Dom João á sua terra n'aquella manhan de maio, que os passarinhos cantavam, os sinos tangiam e o rir da natureza se misturava com o chorar dos homens. Tambem não creio que haja nada mais bello que estoutros versos quando a morta vai tornando a si e pondo os olhos no amante:

> Volta a vida que se fôra
> Com todo o amor que não se ia.

GUIMAR

Era a menina mais linda[1]
Que n'aquella terra havia;
Tam formosa e tam discreta
De outra egual se não sabía.
Muito lhe quer Dom João,
Muito demais lhe queria:
Seus amores, seus requebros
Não cessam de noite e dia.
Por fidalgo e gentil moço
Ninguem tanto a merecia;

[1] Era uma menina bella
Discreta e bem parecida,
Dom João a namorava,
Mil requebros lhe fazia. — ALEMTEJO.

Senão que o pae da donzella[2]
Outro conselho seguia:
Casá-la quer muito ricca
Com um mercador que ahi havia,
Sem fazer caso de amores,
Sem lhe importar fidalguia.
Dom João, quando isto soube[3],
Por pouco se não morria:
Foi-se d'alli muito longe
Sem dizer para onde ia.
Tres mezes por lá andou,
Tres mezes n'essa agonia;
A vida que lhe pesava
Soffrê-la ja não podia.
Mandou sellar seu cavallo
Sem cuidar no que fazia;
Deitou por esses caminhos
Sem saber adonde ia.
O cavallo é quem mandava,
Cavalleiro obedecia.
Passou por terras e terras,
Nenhuma não conhecia.

[2] Mas o pae d'aquella môça
Por melhor conselho havia
Casá-la com um mercador
Que áquellas partes vivia. — ALEMTEJO.
[3] Dom João quando isto ouviu
Fóra da terra se ia;
Por lá estivera tres mezes
Que soffrê-los não podia. — EXTREMADURA.

Á sua tinha chegado,
Onde estava não sabía.
Era por manhan de maio,
Todo o campo florecia,
Os passarinhos cantavam,
O prado verde surria;
Lá de dentro da cidade
Um triste clamor se ouvia:
Eram sinos a dobrar,
E era toda a clerezia,
Eram nobres, era povo
Que da egreja sahia...
Entrou de portas a dentro,
De rua em rua seguia,
Chegou á de sua dama[4],
Essa sim que a conhecia.
As casas onde morava,
Janellas aonde a via,
Tudo é cuberto de preto,
Mais preto que ser podia[5].
Mandou chamar uma dona[6]
Que ella comsigo trazia:

[4] Veio-se a passeiar
Á rua de sua amiga. — ALEMTEJO.

[5] Do mais preto que havia — EXTREMADURA.

[6] Mandou chamar uma dama,
Por Deus e á cortezia:
— 'Dize-me tu por quem trazes
Ausencias tam doloridas. — ALEMTEJO.

—'Dizei-me por Deus, senhora,
Dizei-me por cortezia,
Esse lutto tam pesado
Por quem trazeis, que sería?'
—'Trago-o por minha senhora,
Dona Guimar de Mexia[7],
Que é com Deus a sua alma,
Seu corpo na terra fria.
E por vós foi, Dom João,
Por vosso amor que morria[8].'
Dom João quando isto ouviu[9]
Por morto em terra cahia,
Mas a dor era tammanha[10]
Que á fôrça d'ella vivia.
Os seus olhos não choravam,
Sua bôcca não se abria.
Mirava a gente em redor
Para ver o que faria.
Vestiu-se todo de preto,
Mais preto que ser podia[11],
Foi-se direito á egreja
Onde sua dama jazia[12]:
—'Eu te rogo, sacristão,

[7] Dona Agueda de Mexia — ALEMTEJO.
[8] Por vós foi sua partida — EXTREMADURA.
[9] Palavras não eram dittas — EXTREMADURA.
[10] Mas a dor era tam forte — EXTREMADURA.
[11] Do mais preto que havia — EXTREMADURA.
[12] Onde a sua dama tinha — ALEMTEJO.

Por Deus e Sancta Maria,
Eu te rogo que me ajudes[13]
A erguer ésta campa fria.'
Alli a viu tam formosa
Tal como d'antes, a via;
Alli, morta, sepultada,
Inda outra egual não havia,
Pôs os joelhos em terra,
Os braços ao ceo erguia,
Jurou a Deus e á sua alma
Que mais a não deixaria.
Puchou de seu punhal de oiro[14],
Que na cintura trazia,
Para a accompanhar na morte
Ja que em vida não podia.
Mas não quiz a Virgem sancta[15],
A Virgem Sancta Maria,
Que assim se perdesse uma alma
Que só de amor se perdia.
Por juizo alto de Deus
Um milagre se fazia:
A defuncta a mão direita

[13] Que me ajudes a erguer
A campa de minha amiga.—ALEMTEJO.
[14] Puchou por um punhal de oiro
Por lhe fazer companhia.—ALEMTEJO.
[15] Permittiu a Virgem sancta,
A Virgem Sancta Maria
Que se não perdesse uma alma
Por um preceito que tinha.—ALEMTEJO.

Ao seu amante extendia,
Seus lindos olhos se abriram,
A sua bôcca surria;
Volta a vida que se fôra,
Com todo o amor que não se ia.
Seu pae, o foram buscar,
Que ja estava na agonia;
Véem amigos, véem parentes,
Todos em grande alegria.
Dão graças á Sancta Virgem,
Cujo milagre sería;
E a Dom João dão a espôsa,
Que tam bem a merecia.

XXX

DOM DUARDOS

O último conhecido dos nossos poetas populares antigos, o verdadeiro fundador do theatro d'Hespanha, Gil-Vicente, não era só poeta comico, segundo vulgarmente se crê ás cegas, porque poucos abrem os olhos para o ler com attenção, para estudar n'elle, como todos deviam, lingua, costumes, stylo, côr e tom nacional da epocha: nenhum outro escriptor portuguez os teve tam verdadeiros, tam characterizados e sinceros.

O romance heroico ou epico, isto é, o que celebrava grandes feitos e successos nacionaes, ou interessantes aventuras de guerras e de amores—que d'elle tomaram depois o appellido de *romanescas*, ou porque não *romanescas?* hoje mais inglezadamente *romanti-*

cas—este que tambem rhymou muitas vezes devotas legendas de sanctos e de milagres, os passos da historia sagrada de ambos os Testamentos, e até os proprios mysterios do dogma; o romance epico em toda a sua primitiva simpleza foi tambem cultivado por Gil-Vicente.

Com elle e com Bernardim Ribeiro creio que morreu, litterariamente fallando, nos fins do seculo xv, principios do xvi, para resuscitar depois, á primeira trombeta do seiscentismo, como todos os generos populares que por essa reacção resurgiram; mas rebicado e contrafeito, secante de metaphoras, pesado de conceitos, escripto emfim com a penna d'aza da 'Phenix-renascida.'

Quanto elle fôra estimado e cultivado entre nós em tempos de Gil-Vicente, vê-se de muitos logares de seus dramas. E ahi se vê tambem que promiscuamente compunham os nossos trovadores ja no dialecto de Castella, ja no de Portugal, e ainda o mesmo romance ou soláo ora se cantava em uma, ora n'outra linguagem.

Para exemplo e prova, leia-se com attenção

o dialogo do feiticeiro com a alma de Cismena na scena II de Rubena [1]. Ahi véem citados como portuguezes e em portuguez, apar de outras cantigas castelhanas, muitos romances que alguns passam hoje por legitimos filhos de Castella e em suas collecções se incontram; de outros nem por ellas ha memorias. Tal é o que começa:

'Eu me sam Dona Giralda';

de que não achei outro vestigio nem nos romanceiros castelhanos, nem na nossa tradição oral. Tal é est'outro:

'Em Paris está Donalda';

que vem nos citados romanceiros, pôsto que differentemente escripto.

Tambem no auto dos *Quatro tempos cantam estes 'até chegar ao presepio,'* manda a rubrica [2], *uma cantiga franceza que diz:*

'Ai de la noble
Villa de Paris!'

É claro que este é um romance; e romance

[1] Gil-Vicente, edição de Hamburgo 1834, tom. II, pag. 27.
[2] Ibid. tom. I, pag. 92.

conhecido, e que não era castelhano nem portuguez, mas francez. E d'aqui se deprehende tambem uma coisa que muitas vezes tenho julgado intrever, e de que tenho quasi uma consciencia íntima, sem ousar dá-la por certa, porque não ha ainda todas as próvas documentaes que se precisam para uma asserção que hade parecer atrevida: e é—que os romances primitivos quasi que eram communs ás linguas *romanas,* e que nenhuma os vindicava exclusivamente; porque o trovador catalão ou provençal, portuguez, normando ou castelhano pertencia mais á *republica litteraria* e artistica de sua profissão, do que a nenhum reino ou nação, ou divisão politica do paiz. Cantava-se o romance para lá do Ebro? davam-se ás palavras desinencias mais curtas e contrahidas; dizia-se para cá d'elle? produziam-se mais arredondadas. Entre Portugal e Castella menos era preciso ainda, porque as linguas, ja tam similhantes, ainda o eram mais então, e no especial dialecto do romance dobradamente.

Apponto isto aqui somente como ementa,

para mais devagar se reflectir e estudar no que indico. Ha grande verdade na indicação; mas até onde ella chega, não sei dizer porora, nem saberei talvez nunca, porque me não sobra tempo nem paciencia para dar professadamente a éstas coisas. Vou escrevendo o que me occorre como curioso. A sciencia fará o seu officio com tempo. Eu não pretendo a litterato nem a critico, e n'estas coisas menos que em nenhuma. Occupo as minhas horas vagas com estes divertimentos innocentes; não faço mais nada.

Tornando ao nosso Gil-Vicente, na segunda scena—acto, jornada, ou parte II—da *Rubena,* canta a Cismena em portuguez outro principio de romance mui notavel pelo metro pouco usado na nossa lingua:

> 'Grandes bandos andam na côrte,
> Traga-me Deus meu bonamore.'

Muitas outras próvas achará alli o leitor curioso de que este genero era o mais popular então entre nós. Como tal o cultivou Gil-Vicente; e assás o mostra o romance dos *Padres*

no Limbo no auto da 'Historia de Deus', o da *Barca dos Anjos* no auto do 'Purgatorio', o da *Infanta* no auto das 'Côrtes de Jupiter', e muitos outros dispersos por suas obras dramaticas, alêm dos dois bem conhecidos que expressamente compôs, um á morte d'elrei Dom Manuel, outro á acclamação de Dom João III.

Este primeiro que aqui ponho é o de Dom Duardos que vem no fim da tragicomedia (aliás drama cavalheiresco) do mesmo titulo. Em castelhano foi escripta a tragicomedia, e em castelhano alli vem o romance; na collecção, que por vezes tenho citado, do cavalheiro de Oliveira, apparece em portuguez com declaração de se incontrar assim n'um antigo manuscripto do seculo XVI que visivelmente era contemporaneo do poeta. Eu dou-o em ambas as linguas. E pôsto que os nossos vizinhos o codificassem em seus romanceiros como proprio, fica assim evidente o ser elle de fábrica portugueza e do nosso Gil-Vicente, quer primitivamente o composesse elle na nossa lingua, quer na d'elles.

Eisaqui o que, no fim da tragicomedia, diz Artada, antes de cantar o romance:

'Por memoria de tal trance
Y tam terrible partida
Venturosa,
Cantemos nuevo romance
A la nueva despedida
Peligrosa.'

Acabado de cantar e findo o auto, diz o patrão, virando-se para elrei—não o rei da comedia, mas o rei portuguez Dom João III em cuja côrte e presença ella se representava:

'Lo mismo iremos cantando
Por esa mar adelante,
Á las sirenas rogando
Y Vuestra Alteza mandando:
Que en la mar siempre se cante.'

Era pois novo o romance, por seu o dava Gil-Vicente, que não precisava nem usava de brilhar com o alheio, e a elrei seu amo e seu protector, como tal o endereçava. Não posso deixar de o crer e acceitar como seu.

A licção portugueza de Oliveira differe algum tanto da castelhana de Gil-Vicente; e ésta

não pouco da que vem no ROMANCEIRO GERAL de Duran e no TESORO de Ochoa.

Juntam-se aqui todas tres, paraque as confrontem os curiosos, e se illustre assim a questão que, tórno a dizer, suscito, não resolvo.

DOM DUARDOS[1]

Era pelo mez de Abril,
De Maio antes um dia,
Quando lyrios e rosas
Mostram mais sua alegria;
Era a noite mais serena
Que fazer no ceo podia,
Quando a formosa infanta
Flérida ja se partia;
E na horta de seu padre
Entre as árvores dizia:
—'Com Deus vos ficade, flores,
Que ereis a minha alegria!

[1] Licção portugueza segundo OLIVEIRA.

Vou-me a terras extrangeiras
Pois lá ventura me guia;
E se meu pae me buscare,
Pae que tanto me queria,
Digam-lhe, que amor me leva,
Que eu por vontade não ia;
Mas tanto atimou commigo
Que me venceu co'a profia.
Triste, não sei onde vou,
E ninguem não m'o dizia!...'
Alli falla Dom Duardos:
—'Não choreis, minha alegria,
Que nos reinos de Inglaterra
Mais claras aguas havia,
E mais formosos jardins,
E flores de mais valia.
Tereis trezentas donzellas
De alta genealogia;
De prata são os palacios
Para vossa senhoria;
De esmeraldas e jacynthos
E oiro fino de Turquia,
Com lettreiros esmaltados,
Que a minha vida se lia,
Contando das vivas dores
Que me déstes n'esse dia
Quando com Primalião
Fortemente combatia:
Mattastes-me vós, senhora,

Que eu a elle o não temia...'
Suas lagrymas inchugava
Flérida que isto ouvia.
Ja se foram ás galeras
Que Dom Duardos havia.
Cinquenta eram por conta,
Todas vão em companhia.
Ao som do doce remar
A princeza adormecia
Nos braços de Dom Duardos,
Que tam bem a merecia.

Saibam quantos são nascidos
Sentença que não varía:
Contra a morte e contra amor
Que ninguem não tem valia.

I

VERSÃO CASTELHANA DE GIL-VICENTE[1]

En el mes era de Abril,
De Mayo antes un dia,
Cuando lirios y rosas
Muestran mas su alegria,
En la noche mas serena
Quel el cielo hacer podia,
Cuando la hermosa infanta
Flérida ya se partia:
En la huerta de su padre
A los arbóles decia:
—'Quedaos adios, mis flores,
Mi gloria que ser solia;
Voyme á tierras estrangeras
Pues ventura alla me guia.
Si mi padre me buscare
Que grande bien me queria
Digan que amor me lleba
Que no fué la culpa mia:
Tal tema tomó conmigo
Que me venció su porfia.
Triste nó se adó vó,
Ni nadie me lo decia.'
Allí habla Don Duardos:
—'No lloreis mi alegria,
Que en los reinos de Inglaterra
Mas claras aguas habia,
Y mas hermosos jardines
Y vuesos, señora mia.

Obras de GIL-VICENTE, ed. de Hamburgo 1834. Tom. II, p. 249.

Terneis trecientas doncellas
De alta genealogia;
De plata son los palacios
Para vuesa señoria,
De esmeraldas y jacintos,
De oro fino de Turquia,
Con lettreros esmaltados
Que cuentan la vida mia,
Cuentan los vivos dolores
Que me distes aquel dia
Cuando com Primaleon
Fuertemente combatia:
Señora vos me matastes,
Que yo a el no lo temia.'
Sus lagrimas consolaba
Flérida qu' esto oia;
Fueron-se a las galeras
Que Don Duardos tenia.
Cincuenta eran por cuenta,
Todas van en compañia.
Al son de sus dulces remos
La princesa se adormia
En brazos de Don Duardos
Que bien le pertenecia.
Sepan cuentos son nacidos
Aquesta sentencia mia:
Que contra la muerte y amor
Nadie no tiene valia.

II

VERSÃO CASTELHANA DE DURAN[1]

En el mes era de Abril,
De Mayo antes um dia,
Cuando los lirios y rosas
Muestran mas su alegria,
En la noche mas serena,
Qu'el cielo hacer podria,
Cuando la hermosa infanta
Flérida ya se partia;
En la huerta de su padre
A los arbóles decia:
—'Jamas en cuanto viviere
Os veré tan solo un dia,
Ni cantar los ruiseñores
En los ramos melodia.
Quédate á Dios, agua clara,
Quédate á Dios, agua fria,
Y quedad con Dios, mis flores,
Mi gloria que ser solia.
Voime á las tierras estrañas,
Pues ventura allá me guia.
Si mi padre me buscáre,
Que grande bien me queria,
Digan que el amor me lleva,
Que no fué la culpa mia.
Tal tema tomó conmigo,
Que me forzó su porfía.
Triste nó sé donde voy:
Ni nadie me lo decia.'

[1] Romancero general, Part. I.

Alli habló Don Duardos:
—'No lloreis mas, mi alegria,
Que en los reinos de Inglaterra
Mas claras aguas habia,
Y mas hermosos jardines,
Y vuestros, señora mia.
Terneis trescientas doncellas
De alta genealogía;
De plata son los palacios
Para vuestra señoria;
D'esmeraldas y jacintos
Toda la tapeçaría;
Las camaras ladrilladas
D'oro fino de Turquia,
Com letreros esmaltados
Que cuentan la vida mia,
Contando vivos dolores
Que me diéstedes un dia
Cuando con Premaleon
Fuertemente combatia.
Señora, vós me matastes,
Que yo a el no lo temia.'
Sus lagrimas consolaba
Flérida qu'esto oia,
Y fueron-se á las galeras,
Que Don Duardos habia:
Cincuenta eran por todas,
Todas van en compañia.
Al son de sus dulces remos
La infanta se adormecia
En brazòs de Don Duardos,
Que bien le pertenecia.
Sepan cuantos son nacidos
Aquesta sentencia mia:
Que contra muerte y amor
Nadie no tiene valía.

XXXI

A AMA

Bernardim-Ribeiro foi natural da villa do Torrão no Alemtejo, vivia por fins do XIV, principios do XV seculo; era moço fidalgo d'el-rei Dom Manuel e servia no paço, onde a belleza e perfeições da infanta Dona Beatriz lhe inspiraram uma paixão de verdadeiro 'Macias namorado.' Ainda não estava tam longe o tempo em que princezas e rainhas ouviam sem infado e acceitavam sem desaire as homenagens dos trovadores. Bernardim era moço, talvez bem parecido, discreto decerto: ha toda a razão de crer que foi ouvido com sympathia

e indulgencia. Toda a sua felicidade ficou por aqui, segundo elle diz:

'Que para mais esperar
Nunca me deram logar.'

E ésta deve de ser a verdade; ou elle, de fino amante, no'la occultou: em qualquer dos casos devemos crê-lo sôbre sua palavra.

A infanta casou por procuração com o duque Carlos de Saboia, em Lisboa nos paços da Ribeira, a 7 de Abril de 1520[1]; e em Agosto seguinte partiu para Italia. As 'Saudades[2]' do seu amante ficaram eternizadas no mysterioso livro que com esse titulo compôs. D'elle se extrahiu este romance, propriamente soláo. Tudo aqui é contado e ditto por um modo de enigmas e allegorias inteiramente inexplicaveis para quem ignorasse os mysteriosos amores do trovador e da princeza. Tam sincero — e amiude grosseiro a podêr de sincero — é o modo de dizer dos antigos menestreis, quanto

[1] Garcia de Rezende, IIDA DA INFANTA, etc.
[2] SAUDADES DE BERNARDIM-RIBEIRO. Lisboa 1785.

este é delicado por demais, e á força de o ser, obscuro.

O argumento simplissimo diz-se em poucas palavras. Beatriz está retirada em sua camera. Sua paixão por Bernardim não é segredo para a boa ama que a criou e que tanto lhe quer. Canta-lhe ésta um 'cantar a modo de 'soláo' em que tristemente conta e lamenta a má ventura que desde a nascença tem perseguido a sua querida menina, e que maiores desgraças lhe faz temer no futuro.

O stylo tem toda a ingenuidade dos antigos cantares, todo aquelle perfume de bonina selvagem que só se incontra pelas devezas incultas da poesia primitiva. E todavia, se ainda são as flores singelas do monte, ja se conhece arte no formar do ramalhete. Ja não são as notas desgarradas, e asperas por vezes, do primeiro trovar asturiano ou leonez que tiniam á dureza de ferro dos descendentes de Pelayo. Ja por aqui andam *modos* de trovador proençal. A melodia porêm ainda é puramente romantica; as harmonias é que presentem fórmas mais classicas. Vê-se o antigo toante do

romance peninsular cedendo á difficil e dura lei das complicadas rhymas proençaes. Ha mais ainda; ha uma perfeição no *número* dos rhytmos que adivinha ja as doçuras italianas. É o trovador do seculo XV dando a mão ao poeta do seculo XVI. O que predomina todavia é o modo provençal; e este é, repitto, um legitimo solão.

A AMA

Pençando-vos[1] estou, filha,
Vossa mãe me está lembrando;
Enchem-se-me os olhos d'agua,
N'ella vos estou lavando.

Nasceste, filha, entre mágoa;
Pera bem inda vos seja!
Pois em vosso nascimento
Fortuna vos houve inveja.

Morto era o contentamento
Nenhuma alegria ouvistes;
Vossa mãe era finada,
Nós outros eramos tristes.

[1] No sentido de dar o penço á criança; com a qual significação o verbo se deve escrever com ç e não com s.

Nada[2] em dor, em dor criada,
Não sei onde isto hade ir ter:
Vejo-vos, filha, fermosa,
Com olhos verdes crescer.

Não era ésta graça vossa
Pera nascer em destêrro:
Mal haja a desaventura
Que pôs mais n'isto que o êrro!

Tinha aqui sua sepultura
Vossa mãe, e a mágoa a nós!
Não ereis vós, filha, não,
Pera morrerem por vós.

Não ouvem fados razão,
Nem se consentem rogar;
De vosso pae hei mor dó,
Que de si se hade queixar.

Eu vos ouvi a vós so
Primeiro que outrem ninguem;
Não foreis vós se eu não fôra:
Não sei se fiz mal se bem.

Mas não póde ser, senhora,
Pera mal nenhum nascerdes,

[2] Nascida.

Com esse riso gracioso
Que tendes sob olhos verdes.

Confôrto, mas duvidoso,
Me é este que tomo assi!
Deus vos dê melhor ventura
Do que tiveste téaqui.

A Dita e a Fermosura,
Dizem patranhas antigas,
Que pelejaram um dia,
Sendo d'antes muito amigas.

Muitos hão[3] que é phantesia:
Eu, que vi tempos e annos,
Nenhuma coisa duvido
Como ella é azo de damnos[4].

Nem nenhum mal não é crido,
O bem so é esperado;
E na crença e na esperança,
Em ambas ha hi cuidado,
Em ambas ha hi mudança.

[3] Tem para si.
[4] De nenhuma coisa duvido, que seja azo de damnos.

XXXII

AVALOR

Este, que é verdadeiro romance na fórma assim como no stylo, parece ter sido feito á partida da infanta para Saboia, ou talvez por occasião da viagem que Bernardim-Ribeiro alli fez para a ver.

Fôsse como ou quando fôsse, elle é admiravel. Ha menos artificio metrico, não menos belleza de poesia que nos outros, não menos sentimento. O stylo é mais desleixado, mais vago, mais de romance.

Em todas as vastissimas collecções castelhanas não ha nada tam bello de elegante simplicidade. Ja se vê que não faço a comparação no genero heroico ou historico; digo-o dos romances de amor e aventura.

AVALOR

Pela ribeira de um rio
Que leva as aguas ao mar,
Vai o triste de Avalor,
Não sabe se hade tornar.
As aguas levam seu bem,
Elle leva o seu pesar;
E so vai, sem companhia,
Que os seus fôra elle leixar;
[1] Ca quem não leva descanço
Descança em so caminhar.
Descontra d'onde ia a barca,
Se ia o sol a baixar;
Indo-se abaixando o sol,
Escurecia-se o ar;

[1] Que, pois que.

Tudo se fazia triste
Quanto havia de ficar.
Da barca levantam remos,
E ao som do remar
Começaram os remeiros
Da barca este cantar:
—'Que frias eram as aguas!
Quem as haverá de passar?'
Dos outros barcos respondem:
—'Quem as haverá de passar?'
Frias são as aguas, frias,
Ninguem n'as póde passar;
Senão quem pôs a vontade
Donde a não póde tirar.
[2] Tra'la barca lhe vão olhos
Quanto o dia dá logar:
Não durou muito, que o bem
Não póde muito durar.
Vendo o sol pôsto contr'elle[3],
Não teve mais que pensar;
Soltou redeas ao cavallo
Á beira do rio a andar.
A noite era callada
Pera mais o magoar,
Que ao compasso dos remos
Era o seu suspirar.

[2] Trás a, após a.
[3] Defronte d'elle.

Querer contar suas mágoas
Seria areias contar;
Quanto mais ia alongando,
Se ia alongando o soar.
Dos seus ouvidos aos olhos
A tristeza foi egualar;
Assi como ia a cavallo
Foi pela agua dentro entrar.
E dando um longo suspiro
Ouvia longe fallar:
Onde mágoas levam olhos,
Vão tambem corpo levar.
Mas indo assi por acêrto,
Foi c'um barco n'agua dar
Que estava amarrado á terra,
E seu dono era a folgar.
Saltou assi como ia, dentro,
E foi a amarra cortar:
A corrente e a maré
Acertaram-n'o a ajudar.
Não sabem mais que foi d'elle,
Nem novas se podem achar:
Suspeitaram que foi morto,
Mas não é pera affirmar:
Que o imbarcou ventura,
Pera so isso aguardar.
Mas mais são as mágoas do mar
Do que se podem curar.

XXXIII

CUIDADO E DESEJO

Todo este soláo—e creio que propriamente este é tambem um verdadeiro soláo—todo elle é alegorico dos mysteriosos amores do 'poeta das saudades.'

Bernardim-Ribeiro vaga triste e solitario pelas margens de um rio escuro e cuberto de arvoredo. Apparece-lhe o seu *Cuidado* na figura de um velho incannecido que lhe mostra o seu fatal *Desejo* todo cuberto de dó; chorando e pensativo declara-lhe que em má hora o viu porque nunca mais o hade esquecer. Some-se a visão; e elle caminha rio abaixo, até dar 'antre uns medonhos penedos' (se será Cintra?) onde a *Phantasia* lhe aprèsenta sua triste *Lembrança* na figura de uma bella mulher de 'loiros cabellos e olhos verdes,' cu-

berta de um negro manto. É Beatriz que elle ama, que o adora e que não póde ser sua! Escura noite lhe esconde a visão bemaventurada; e de um 'alto oiteiro' lhe bradam (porque não dos Alpes, do Piemonte onde lh'a tinham levado?)—'Bernardim-Ribeiro, *olha onde estás.*'

Da demasiada altura onde subiram, seus atrevidos pensamentos lhe fazem recordar quam baixo o tinha pôsto a sorte para se atrever a tanto.—O namorado trovador cerra os olhos para nunca mais os abrir. Que lhe resta a elle que ver no mundo?

Este romance seria feito ao ordenar-se o casamento da infanta com o duque de Saboia? Não vem inserto nas SAUDADES, como o antecedente, da Ama, e o subsequente de Avalor: por isso aqui pôs claro o seu nome de Bernardim-Ribeiro, que no mysterioso livro de cavallarias, ora se disfarça em anagrammas de suas proprias lettras, ora sob as de outros se desfigura, para confundir e inredar a todo o que não tivesse a chave do querido segredo. O nome porêm da infanta nem aqui, nem em

parte nenhuma o expôs a ser deciphrado pela mais remota inducção. N'este romance não ha nomes femininos; os que se incontram em tudo quanto escreveu, assim podem ser Maria, Antonia, como Joanna, etc. Em nenhum ha lettras ou sons que se pareçam com os de Beatriz.

Nada digo do stylo, é o mesmo da peça precedente. As bellezas são infinitas; nenhum poeta portuguez escreveu tanto com o sangue de seu coração..

CUIDADO E DESEJO

Ao longo de uma ribeira
Que vai pelo pé da serra,
Aonde me a mi fez a guerra
Muito tempo o grande amor,
Me levou a minha dor:
Ja era tarde do dia,
E a agua d'ella corria
Por antre um alto arvoredo,
Onde ás vezes ia quedo
O rio, e ás vezes não.

Entrada era do verão,
Quando começam as aves
Com seus cantares suaves
Fazer tudo gracioso.

Ao ruido saudoso
Das aguas cantavam ellas:
Todalas minhas querellas
Se me puseram deante;
Alli morrer quizera ante
Que ver por onde passei.
Mas eu que digo—passei!
Antes inda heide passar,
Em quanto hi houver pezar,
Que sempre o hi hade haver.

As aguas, que de correr
Não cessavam um momento,
Me trouxera'ao pensamento
Que assim eram minhas mágoas,
D'onde sempre correm aguas
Por estes olhos mesquinhos,
Que têem abertos caminhos
Pelo meio do meu rostó.
E ja não tenho outro gôsto
Na grande desdita minha.
O que eu cuidava que tinha
Foi-se-me assim não sei como,
D'onde eu certa crença tómo
Que, para me leixar, veio.

Mas, tendo-me assi alheio
De mi o que alli cuidava,
Da banda d'onde agua estava

Vi um homem todo cam[1],
Que lhe dava pelo cham
A barba e o cabello.
Ficando eu pasmado d'ello,
Olhando elle para mi,
Fallou-me e disse-me assi:
—'Tambem vai ésta agua ao Tejo.'

N'isto olhei vi meu Desejo
Estar de trás triste e só,
Todo cuberto de dó,
Chorando sem dizer nada,
A cara em sangue lavada,
Na bôcca posta ũa mão,
Como que a grande paixão
Sua falla lhe tolhia.

E o velho que tudo via,
Vendo-me tambem chorar
Começou a assi fallar:
—'Eu mesmo são[2] teu Cuidado,
Que n'outra terra criado,
N'esta primeiro nasci.
E ess'outro que está aqui
É o teu Desejo triste;
Que má hora o tu viste

[1] Incannecido, de cabello branco.
[2] Sou.

Pois nunca te esquecerá!
A terra e mar passará
Traspassando a mágoa a ti.'

Quando lhe eu aquisto ouvi,
Soltei suspiros ao chôro;
Alli clarante o fôro
Meus olhos tristes pagaram
De um bem so que elles olharam,
Que outro nunca mais tiveram.
Nem o tive, nem m'o deram,
Nem o esperei somente:
De so ver fui tam contente,
Que pera mais esperar
Nunca me deram logar.

E n'aquisto, triste estando
Com os olhos tristes olhando
D'aquellas bandas d'além,
Olhei e não vi ninguem.
Dei então a caminhar
Rio abaixo, até chegar
Á cêrca de Montemor.

Com meus males de redor,
Da banda do meio-dia,
Alli minha Phantasia,
D'antre uns medrosos penedos,
Onde aves que fazem medos

De noite os dias vão ter,
Me sahiu a receber
Com ũa mulher pelo braço,
Que, ao parecer de cansaço
Não podia ter-se em si,
Dizendo: —'Vês, triste, aqui
A triste Lembrança tua.'
Minha vista então na sua
Pus, d'ella todo me enchi:
A prima coisa que vi
E a derradeira tambem,
Que no mundo vão e vem!

Seus olhos verdes rasgados
De lagrymas carregados,
Logo em vendo-os, pareciam
Que de lagrymas enchiam
Contino as suas faces,
Que eram, gran' tempo, paces[3]
Antre mi e meus cuidados.

Loiros cabellos ondados
Um negro manto cubria:
Na tristeza parecia
Que lhe convinha morrer.
Os seus olhos de me ver,
Como furtados, tirou,

[3] Pazes.

Depois em cheio me olhou.
Seus alvos peitos rasgando
Em voz alta se aqueixando,
Disse assi mui so sentida:
—'Pois que mor dor ha na vida
Para que houve ahi morrer?'
Callou-se sem mais dizer.
Eu de mi gemidos dando,
Fui-me para ella chorando
Para a haver de consolar...

N'isto pòs-se o sol ao mar,
E feze-se noite escura,
E disse mal á ventura
E á vida, que não morri...
E muito longe d'alli,
Ouvi de um alto oiteiro
Chamar:—'Bernardim-Ribeiro!'
E dizer:—'olha onde estás!'
Olhei de ante e de traz
E vi tudo escuridão,
Cerrei meus olhos então,
E nunca mais os abri,
Que depois que a perdi
Nunca vi tam grande bem.
Porêm inda mal, porêm!

XXXIV

O CORDÃO DE OIRO

Não parece ésta uma d'aquellas *verdes* anecdotas que a prosa de Bocacio e os versos de Lafontaine immortalizaram? O stylo é menos licencioso, porque, sincera e nua ás vezes, comtudo é sempre mais casta a poesia primitiva. O seu pudor é o da ingenuidade que se despe porque mal não pensa, não o da hypocrisia que por maliciosa se cobre. Comtudo os dois ultimos versos são um verdadeiro remate de epigramma que faria honra a um poeta da eschola de Voltaire, e podia ser feixo de uma cantiga de vaudeville de Scribe. Entre portuguezes, so D. Francisco Manuel de Mello ou Nicolau Tolentino os faria tam naturaes e tam picantes ao mesmo tempo.

Assim a adivinhar, que é o unico modo de

entrar n'estes pontos, orço a data d'esta composição pelos tempos da guerra da acclamação, isto é, por meados do seculo XVII.

É ommisso nos romanceiros dos nossos vizinhos; e em Portugal não tenho notícia de que se incontre senão na tradição oral de Tras-os-Montes, onde achei tres cópias d'elle, uma mais completa que as outras: d'ellas se appurou o presente texto. As variantes quasi todas despreziveis.

O CORDÃO DE OIRO

Lá se vai o capitão
C'os seus soldados á guerra:
Duzentos eram quintados,
Eram duzentos de leva[1].
Se todos elles vão tristes,
Um mais que todos o era;
Baixa trás a sua espada,
Seus olhos postos em terra.
Lá no meio do caminho
O capitão lhe dissera:
—'Porque vais triste, soldado,
Essa paixão por quem era?'

[1] Duzentos quintados eram — TRAS-OS-MONTES.

—'Não é por pae nem por mãe,
Nem por irman que eu tivera[2],
É pela espôsa que deixo
Lá tam so na minha terra.
Este cordão de oiro fino,
Que sette arrateis bem pésa,
Mais me pésa a mim levá-lo,
Que ao partir lh'o não dera!'
—'Soldado, tens sette dias
Para que voltes a vê-la.
Se a incontrares chorando,
Ficas sette annos com ella:
Senão, nem mais uma hora
Terás de aguardo ou de espera.'
Quem saltava de contente
O meu soldadito era.

Deixou estrada direita,
Por atalhos se mettêra;
Inda não é meia-noite,
Á sua porta batêra.
—'Quem bate á minha porta,
Quem bate com tanta pressa?'
—'É um soldado, senhora,
Que vos trás novas da guerra.'
—'Mal haja a nova que trás,
E mais quem veio trazê-la!

[2] Nem por minha irman mais velha — TRAZ-OS-MONTES.

Ergue-te tu, minha vida,
Assoma-te a essa janella;
Despede-me esse soldado
Que a tam má hora aqui chega.'
—'Amigo, vindes errado
Co'as vossas novas da guerra:
Deixae-nos dormir em paz,
Que bem precisamos d'ella.'

Foi-se d'alli o soldado
Mais prómpto do que viera:
—'Bem haja o meu capitão
Pelo bem que me fizera!
Com sette dias de aguardo...
Nem sette horas carecêra
Para me quitar saudades,
Livrar-me de toda a pena!
Tomae lá meu capitão
Os mimos da minha terra;
Este cordão de oiro fino,
Que agora inda mais me pésa.
Minha mulher não precisa,
Que os primos podem mantê-la.'
—'Pois tua mulher tem primos,
E tu vinhas com dó d'ella!...'

XXXV

O CEGO

Ha duas balladas escriptas em dialecto escocez por elrei James V de Escocia, que ambas se parecem muito com ésta. Uma especialmente, '*The Gaberlunzie man,*' até no metro e nas fórmas exteriores dá bastantes ares da nossa xácara. Começa assim:

The pauky auld carle come ovir the lee
Wi' mony good-eens and days to mee,
Saying: Goodwife, for zour courtesie,
Will ze lodge a silly poor man? [1]

O rei James, que morreu de trinta e tres annos, em 13 de Dezembro de 1542, era um joven rei, tunante e maganão que se disfarçava em trajos de mendigo, de adello, ou que

[1] Percy's RELIQUES OF ANCIENT ENGLISH POETRY, Series II, book I, 10.

taes, para andar correndo baixas aventuras pelas aldeas ou pelos bairros escusos das cidades. Cantor de seus proprios feitos, celebrava-os depois em gallantes trovas, a que não falta a graça nem o chiste do genero. A que se intitula *The Jolly Beggar*, e que por licenciosa e fresca de mais, a não admittiu o bispo Percy na sua collecção, talvez tenha ainda mais merito de arte.

O Gaberlunzie man da real ballada é porêm todo inteiro o *Cego* da nossa xácara, menos em certos incidentes que são mais poeticos e mais interessantes na composição portugueza.

Disfarçado em trajos de cego mendigo, um senhor de alta jerarchia fallou de amores a uma donzella de muito inferior nàscimento que vivia com sua velha mãe. Por accôrdo, mais ou menos expresso entre os dois amantes, se appresenta este por noite á porta da velha com sua caramunha. A mãe dorme; e Anninhas, que responde ao cego, parece fazêlo ou com ironia ou em pique de ciumes, e por nenhum modo lhe quer abrir 'porta ou postigo.'

Põe-se o cego a cantar lamentosamente a sua desgraça; e com a chorada cantilena se abranda ou finge abrandar-se o coração dà rapariga. Desperta a mãe para que o venha ouvir; e quando ésta condoida lhe manda dar esmola, o cego recusa, não quer senão que o ponham no caminho que perdeu. É a propria velha, coitada, a que diz á filha que lh'o va insinar. E assim fogem os dois, com a maior tranquillidade com que ainda fugiram amantes.

Note porêm a maestria do nosso poeta popular. A fugitiva sustenta sempre aquella tam perdoavel hypocrisia feminina, último protesto do pudor moribundo. Fiando homericamente na sua roca, vai fingindo guiar o cego, vai parecendo acreditar que não sabe aonde nem a que vai. Senão quando, apparece um tropel de cavalleiros: é a comitiva do nosso rei incuberto, principe ou conde pelo menos. Adeus gaivão de cego, e andrajos de mendigo! A cavallo e trotar largo! Ja o cego vê, ja a donzella sabe onde vai. E com este seu fino e malicioso ditto, conclue a trova:

Um cego me leva, e vejo o caminho!

Tal é o argumento da cantiga portugueza muito mais romanesco do que o das escocezas, pôsto que seja o mesmo o fundo da anecdota.

Não duvido suppor que talvez de Glasgow ou de Aberdeen trouxessem os nossos mareantes ésta historia, e de Vianna ou do Porto se internasse pelo Minho onde ella é mais vulgar. Não lh'o pagariamos so em vinho e frutta aos nossos amigos do norte, porque em mercadorias d'aquelle mesmo genero para lá temos exportado bastante.

A fórma metrica é a do romance de Sancta Iria. O texto foi restituido com difficuldade, porque ésta fórma se presta ainda mais á corrupção do que a outra, desafiando o prolifico talento dos nossos trovadores de aldea a bordar seus pretenciosos floripondios sôbre a singela telagarsa do original.

Vão por ementa, appontadas algumas variantes menos absurdas.

O CEGO

—'Abre a porta, Anna, abre de mansinho[1],
Que venho ferido, morto do caminho.'
—'Se vindes ferido, pobre coitadinho!
Ireis muito embora por outro caminho.'
—'Ai! abre-me a porta, abre de mansinho,
Que tam cego venho, não vejo o caminho.'
—'Porta nem postigo não abro ao ceguinho,
Va-se na má hora pelo mau caminho.'
—'Ai do pobre cego que anda sosinho
Cantando e pedindo por esse caminho!'

—'Minha mãe acorde, oiça aqui baixinho[2]
Como canta o cego que perdeu o caminho.'

[1] —'Abre a porta, Anna, abre o teu postigo,
Da-me um lenço, amores, que venho ferido.'
—'Se vindes ferido, vinde muito embora,
Porque minha porta não se abre agora.'—EXTREMADURA.

[2] —'Minha mãe acorde do doce dormir,
Venha ouvir o cego cantar e pedir.'—EXTREMADURA.

—'Se elle canta e pede, da-lhe pão e vinho;
E o pobre cego que va o seu caminho.'
—'O teu pão não quero, não quero o teu vinho,
Quero só que Anninhas[3] me insine o caminho.'
—'Toma a roca, Anna, carrega-a de linho,
Vai com o pobre cego, pô-lo a caminho.'

—'Espiou-se a roca, acabou-se o linho,
Fique embora o cego, que este é o seu caminho.'
—'Anda mais, Anninhas, mais um bocadinho,
Sou um pobre cego, não vejo o caminho.'
—'Ai! arreda, arreda para este altinho,
Que ahi véem cavalleiros por esse caminho.'
—'Se véem cavalleiros, véem de vagarinho,
Que ha muito me tardam por este caminho.'
A cavallaria passou de mansinho...
Cego, lo meu cego ja via o caminho[4].
Montou-me a cavallo com muito carinho...
Um cego me leva... e vejo o caminho!

[3] Diminutivo minhoto de Anna.

[4] Este é um modo de dizer provinciano bastante usado do nosso povo em quasi todo o reino. 'Filho, lo meu filho; madre, la mi' madre etc.' occorre em muitas cantigas populares, romances e similhantes. São reliquias do antigo asturiano que o nosso dialecto conservou tanto e mais do que o castelhano. O mesmo fizeram os nossos vizinhos de Galliza. Tem sido tenaz n'estes bellos archaismos a poesia do povo, porque a salva dos hyatos que tanto lhe repugnam.

XXXVI

LINDA-A-PASTORA

Quem desce Tejo abaixo, por ésta margem do Norte onde está Lisboa, e tendo saudado o precioso monumento de Belem, a sua tôrre não menos bella, entra no fashionavel Pedroiços e d'ahi segue ás praias do Dafundo até á Cruz-quebrada, tem dado o mais bonito passeio que se póde dar nas vizinhanças da capital, e visitado os sitios que, depois de Cintra, mais frequenta a sociedade elegante da nossa terra. De fins de Agosto a principios de Novembro é que tudo alli corre, e que os banhos do mar povoam aquelles bellos ermos, nas outras estações desamparados.

Quem tiver porêm o bom gôsto de resistir ao despotismo tarifeiro da moda, e se abalançar em Maio ou Junho a este largo passeio,

que no estado dos nossos caminhos é antes uma pequena viagem, creia que hade ser pago de sua nobre ousadia. Não ha palavras que digam todas as bellezas d'aquella terra, d'aquelle ceo, d'aquellas aguas. Á esquerda o Tejo, os navios que entram e sahem, as frotas de barcos pescarejos, a areia alva juncto á beira d'agua, e logo pegada á salsugem, a prodigiosa vegetação das plantas que a amam e em que se pasce gulloso e largo á vontade o gado. Perto, um saveiro que chegou á terra e cuja companha pucha ao longo da praia pela rede que arrasta os innumeraveis cardumes de peixes que logo virão saltar na areia. Á direita nas eminencias, as ruinas picturescas de conventos desertos, de moinhos abandonados, de fortes, de atalaias. E tudo isto incastoado na verdura viçosa e florida da primavera que ainda não queimou o sol do estio. No fim do verão quando vai todo o mundo, ja não ha senão resteva nos campos, talos de hervas seccas nos montes, árvores sem folha, poeira nos ares, e uma ventaneira despregada que não cessa.

Ja me eram familiares de annos aquelles sitios; mas posso dizer que os não conheci bem e como elles são devéras, senão quando, haverá hoje tres annos, alli fui um dia primeiro de Maio. Fui, como de maravilha em maravilha, por todos os pontos que tenho nomeado; mas chegando á ribeira de Jamor, parei extasiado no meio de sua ponte, porque á varzea que d'ahi se extende, recurvando-se pela direita para Carnaxide, e os montes que a abrigam em deredor, estava tudo de uma belleza que verdadeiramente fascinava. O trigo verde e viçoso ondeava com a viração desde as veigas que rega o Jamor, até os altos onde velejam centenares de moinhos. Árvores grandes e bellas, como rara vez se incontram n'esta provincia *dendroclasta,* rodeavam melancholicamente, no mais fundo do vale, a velha mansão do Rodizio. E lá, em prespectiva, no fundo do quadro, uma aldea de Suissa com suas casinhas brancas, suas ruas em soccalcos, seu presbiterio ornado de um ramalhete de faias; grandes massas de basalto negro pelo meio de tudo isto, parreiraes, jardinszitos quasi pen-

sis, e uma graça, uma simplicidade alpina, um sabor de campo, um cheiro de montanha, como é difficil de incontrar tam perto de uma grande capital.

O logarejo é bem conhecido de nome e fama, chama-se Linda-a-Pastora. Porque? Não sei. Tem-me jurado antiquarios de 'meia-tijella' que o seu nome verdadeiro é *Niña a Pastora*. Mas emquanto não achar algum de 'tigella inteira' que me saiba dar a razão por que se havia de chamar assim, meio em portuguez meio em castelhano, um aldeote de aopé de Lisboa—heide chamar-lhe eu, como os seus habitantes e toda a gente diz: Linda-a-Pastora.

Namorei-me do sítio por modo, que alli passei o verão todo; e d'alli fiz deliciosas excursões pelas vizinhanças, que todas são bonitas. Foi n'este proprio e appropriado sítio que a Sr.ª Francisca, lavadeira bem conhecida do logar, me deu a última e, ao parecer, mais correcta licção que do presente romance tinha obtido. Em outras partes do reino traz elle o titulo de 'Pastorinha;' aqui era justo e natu-

ral que se lhe désse o de Linda-a-Pastora', que assentei conservar-lhe.

Na fórma é um romance em endeixas, mas o fundo é de uma verdadeira pastourella do genero provençal; nem a fariam mais graciosa Giraud Riquier ou Giraud de Borneill.

Tem muitas variantes, porque todo o reino a sabe e canta. Eu noto somente as principaes.

LINDA-A-PASTORA

—'Linda pastorinha, que fazeis aqui?'
—'Procuro o meu gado que por ahi perdi.'
—'Tam gentil senhora a guàrdar o gado!'
—'Senhor, ja nascemos para esse fado.'
—'Por éstas montanhas em tam grande p'rigo!'
Diga-me, ó menina, se quer vir commigo.'
—'Um senhor tam guapo dar tam mau conselho[1]
Querer que se perca o gado alheio!'
—'Não tenha esse medo que o gado se perca[2]
Por aqui passarmos uma ora de sésta.'

[1] Não deve ser nobre quem dá tal conselho—MINHO, BEIRABAIXA.

[2] Eu não digo isso, que o gado se perca,
Mas que descancemos uma hora de sésta.—BEIRALTA, EXTREMADURA.

—'Tal razão como essa não n'a ouvirei[3]:
Ja dirão meus amos que de mais tardei.'
—'Diga-lhe, menina, que se demorou
Co'esta nuvem de agua que tudo mòlhou.'
—'Fallarei verdade, que mentir não sei:
Á volta do gado eu me descuidei.'
—'Pastorinha, escute, que oiço ballar gado...'
—'Serão as ovelhas que me tem faltado.'
—'Eu lh'as vou buscar ja muito depressa,
Mas que me espedace por essa charneca.'

—'Ai como vai grave de meias de seda!
Olhe não as rompa por essa resteva[4].'
—'Meias e sapatos[5], tudo romperei[6]
So por lhe dar gôsto, minha alma, meu bem.'
—'Ei-lo aqui vem; é todo o meu gado.'
—'Meu destino foi ser vosso criado.'
—'Senhor, va-se embora, não me dê mais pena,
—'Que hade vir meu amo trazer-me a merenda.'
—'Se vier seu amo, venha muito embora;
Diremos, menina, que cheguei agora.'
—'Senhor, va-se, va-se, não me dê tormento:
Ja não quero vê-lo nem por pensamento.'

[3] Que dirão meus amos em que me occupei — BEIRALTA.
[4] Por essas estevas — ALEMTEJO.
[5] Meias e vestido — RIBATEJO.
[6] Romperém — COIMBRA.

—'Pois adeus, ingrata da Linda-a-Pastora!
Fica-te, eu me vou pela serra fóra[7].'
—'Venha cá, Senhor, torne atrás correndo...
Que o amor é cego, ja me está rendendo.'
Sentaram-se á sombra... tudo estava ardendo...[8]'
Quando ellas não querem, então 'stão querendó.

[7] Vai guardar teu gado pela serra fóra—BEIRALTA.
[8] Senta-te a ésta sombra que está o mundo ardendo.
—'Eu bem não queria, mas estou querendo.'
—'Calla-te, pastora, não digas mais nada,
Que a aposta que eu fiz ja está ganhada.'
—'Senhor, vou sentar-me não por má tenção.'
Pois sabe a verdade, que sou teu irmão.—BEIRALTA.
—'Sente-se a ésta sombra, passemos a sésta,
Ja pouco me importa que o gado se perca.'
Oh gente da casa, accudi ao gado,
Que foge a pastora c' o seu namorado.—MINHO.

XXXVII

O MARQUEZ DE MANTUA

Ei-lo que se apea de seu classico barbante em que tantos annos cavalgou, e despindo o papel-pardo em que o imbrulhavam os cegos e vendilhões de nossas feiras, vem o nobre 'Marquez de Mantua' tomar o seu logar entre os mais venerandos e antigos romances do cyclo de Carlos-Magno. Sua nobre origem bem sabida é e bem manifesta: franceza ou provençal. Se foi a lingua *d'oeil* ou a lingua *d'oc* a primeira que fallou, não sei; quando atravessou os Pyreneus e veio para nós, certo que era ja familiar com ambas. Passou muito tempo em Hespanha por ser composição de Jeronymo Treviño [1]; hoje com razão se crê que o Tre-

[1] Pelicer, notas a DOM QUIXOTE.

viño não foi senão o editor que em 1598 o imprimiu: sem dúvida o romance é muito mais antigo que isso; so da licção portugueza me parece que posso responder que é dos fins do XIV, principios — quando muito — do XV seculo. E todavia a fórma em que elle apparece em portuguez não creio que fôsse a primitiva que entre nós teve, e me inclino a que ella seja posterior á que teem os nossos vizinhos castelhanos em suas collecções[1]. Aqui é mais dramatico, lá mais épico: nas multiplicadas edições dos cegos chegou a obter o nome de tragedia. Todavia, não deixarei de observar que revestidos d'esta mesma fórma ha romances muito mais antigos do que os narrativos. As rúbricas de *aqui falla o marquez, agora diz o imperador* etc., não são indisputavel próva de que a composição fôsse para se representar theatralmente.

Sem profundar nenhuma d'estas questões, contento-me de sacar do lixo da 'feira-da-la-

[1] CANCIONERO DE ROMANCES; SILVA DE VARIOS ROMANCES; FLORESTA DE VARIOS; e ultimamente Duran, ROMANCERO GENERAL, ed. de 1849-51, tom. I, pag. 207.

dra,' ésta bella reliquia da nossa litteratura popular e romanesca, e de restituir ao seu eminente logar o nobre marquez de Mantua, embora me criminem e escarneçam os superciliosos academicos de todas as academias reaes e não reaes d'este mundo.

O MARQUEZ DE MANTUA

Na caça andava perdido
De Mantua o velho marquez,
E no peito presentido
O coração traz de envez;
Mais, não sabe o succedido!
Farto ja de caminhar
Por tam fragosa montanha,
Cançado assim sem companha,
Sem ter onde repousar
N'essa terra tam extranha,
Vendo o mato tam cerrado,
Assentou de se apear
E o seu cavallo deixar
Porque estava de cançado
Que ja não podia andar:

FALLA O MARQUEZ

—Fortunosa caça é ésta
Que a fortuna me ha mostrado,
Poisque, por ser manifesta
Minha pena e gran' cuidado,
Me mostrou ésta floresta.
Nunca vi tam forte brenha
Desque me accordo de mi,
Eu creio que Margasi
Fez ésta serra Dardenha,
Estes campos de Methli.
Quero tocar a bosina
Por ver se algum me ouvirá;
Mas cuido que não será,
Porque minha gran' mofina
Commigo começou ja.
Todavia quero ver
Se mora alguem n'esta serra
Que me diga d'esta terra
Cuja é para saber;
Que quem pergunta não erra.
Agora vejo-me aqui
N'esta tam grande espessura,
Que nem eu me vejo a mi,
Nem sei de minha ventura,
Nem menos será cordura.

DIZ VALDEVINOS

—Oh Virgem minha senhora,
Madre do rei da verdade,

Por vossa gran' piedade
Sêde minha intercessora
Em tanta necessidade.
Oh summa regina pia,
Radiante luz phebea,
Custodia animæ meæ,
Pois está na terra fria
A alma de pezar chea,
Pois es amparo dos teus,
Consola os desconsolados,
Rainha dos altos ceos,
E roga a meu senhor Deos
Que perdoe meus peccados.

FALLA O MARQUEZ

—Não sei quem ouço gemer
E chorar de quando em quando:
Alguem deve de aqui estar...
Segundo se está queixando,
Deve ter grande pezar.

FALLA VALDEVINOS

—Domine, memento mei,
Lembrae-vos de minha alma,
Pois que sois da glória rei,
Nascido da flor da palma,
Remedio de nossa lei.

DIZ O MARQUEZ

—Segundo d'elle se espera,
Aquelle home anda perdido,

Ou por ventura ferido
De alguma besta fera.
Quero ver este mysterio,
Que a falla me dá ousadia,
Porque dois em companhia
Terão grande refrigerio
Para qualquer agonia.

DIZ VALDEVINOS

—Oh minha espôsa e senhora,
Ja não tereis em podêr
Vosso espôso que assim chora
Pois a morte roubadora
Vos roubou todo o prazer.
Oh vida do meu viver,
Resplandecente narciso,
Gran' pena levo em saber
Que nunca vos heide ver
Até o dia do juizo.
Oh esperança por quem
Tinha victoria vencida!
Oh minha glória, meu bem,
Porque não partis tambem,
Poisque sois a minha vida?
Senão for vossa vontade
De haver de mim compaixão,
Mandae-me meu coração,
Minha fe e liberdade,
Que está em vossa prizão.

Madre minha muito amada,
Qu'é de o filho que paristes,
De quem ereis consolada?
Como se ha tornado nada
Quanta glória possuistes?
Ja me não vereis reinar,
Ja me não dareis conselho,
Nem eu o posso tomar;
Que quebrado é o espelho
Em que vos sabeis olhar.
Ja nunca me haveis de ver
Fazer justas e torneios,
Nem vestir nobres arreios,
Nem cavalleiros vencer,
Nem tomar bandos alheios.
Ja não tomareis prazer
Quando me virdes armado;
Ja vos não virão dizer
A fama de meu podêr,
Nem louvar-me de esforçado.
Oh valentes cavalleiros,
Reinaldos de Montalvão,
Oh esforçado Roldão,
Oh marquez Dom Oliveiros,
Dom Ricardo, Dom Dudão,
Dom Gaifeiros, Dom Beltrão,
Oh gran' duque de Milão,
Que é de vossa companhia?
Duque Maime de Baviera,

Que é de vosso Valdevinos?
Oh esforçado Guarinos,
Quem comsigo vos tivera!
Meu amigo Montesinhos,
Ja nunca mais vos verei;
Dom Alonso de Inglaterra,
Ja nunca acompanharei
O conde Dirlos na guerra.
Oh esforçado marquez
De Mantua, teu senhorio,
Ja não me poreis arnez,
Nem me vereis outra vez
Gozar vosso senhorio.
Ja não quero o vosso estado.
Ja não quero ser pessoa,
Nem mandar, nem ter reinado;
Ja não quero ter coroa,
Nem quero ser venerado.
Oh Carlos imperador,
Senhor de mui alta sorte,
Como sentireis gran' dor
Sabendo da minha morte,
E quem d'ella é causador:
Bem sei, se sois informado
Do caso como passou,
Que serei mui bem vingado,
Ainda que me mattou
Vosso filho mui amado.
Oh principe Dom Carloto,

Quem, sendo tam desegual,
Te moveu a fazer mal
Em um logar tam remoto
A teu amigo leal?
Alto Deus omnipotente,
Juiz direito sem par,
Sôbre ésta morte innocente
Justiça queirais mostrar,
Pois morro tam cruelmente.
Oh Madre de Deus benigno,
E fonte de piedade,
Arca da Sancta Trindade,
De donde o Verbo Divino
Trouxe sua humanidade,
Oh Sancta Domina mea,
Oh Virgem gratia plena
Em que a alma se recrea,
Dae remedio á minha pena,
Pois que morro em terra alhea.

FALLA O MARQUEZ

—Senhor, porque vos queixais?
Quem vos trattou de tal sorte,
E quem é o que tal morte
Vos deu, como publicais,
Que assás é ésta má sorte?
Não me negueis a verdade,
Contae-me vosso pezar,
Que vos prometto ajudar
Com toda a fôrça e vontade.

DIZ VALDEVINOS

—Muito me agasta, amigo,
Certamente teu tardar,
Dize se trazes comtigo
Quem me haja de confessar?

DIZ O MARQUEZ

—Eu não sou quem vós cuidais:
Nunca comi vosso pão,
Mas vossos gritos e ais
Me trouxeram aonde estais
Mui movido a compaixão.
Dizei-me vossa agonia,
Que, se remedio tiver,
Eu vos prometto fazer
Com que tenhais alegria.

DIZ VALDEVINOS

—Meu senhor, muitas mercês
Por vossa boa vontade!
Bem creio que me fareis
Muito mais do que dizeis,
Segundo vossa bondade.
Mas minha dor é mortal,
Meu remedio so é morte,
Porque estou parado tal,
Que nunca homem mortal
Foi trattado de tal sorte.
Tenho, senhor, vinte e duas

Feridas todas mortais,
As intranhas rotas, nuas,
E passo penas tam cruas,
Que não poderão ser mais.
Ha-me morto á traição
O filho do imperador,
Carloto, a gran' sem razão,
Mostrando-me todo o amor,
Não o tendo no coração.
Muitas vezes requeria
Minha espôsa com maldade,
Mas ella não consentia
Pelo bem que me queria,
Por sua grande bondade.
Carloto com gran' pezar,
Como mais traidor que forte,
Ordenou de me mattar,
Cuidando com minha morte
Com ella haver de casar.
Mattou-me com gran' falsia,
Trazendo cinco comsigo,
Sem eu trazer mais commigo
Que um pagem por companhia.
A mim chamam Valdevinos,
Sou filho de elrei de Dacia,
E primo de elrei de Grecia,
E do forte Montesinos,
Que é herdeiro de Dalmacia.
Dona Hermelinda formosa

Minha madre natural,
Sibylla minha espôsa
De graças especial,
Mas com primores famosa.
Ésta nova contareis
Á triste de minha madre
Que em Mantua achareis,
E ao honrado marqueiz
Meu tio, irmão de meu padre.

FALLA O MARQUEZ

—Oh desestrado viver,
Oh amargosa ventura,
Oh ventura sem prazer,
Prazer cheio de tristura,
Tristura que não tem ser!
Oh desventurada sorte,
Oh sorte sem soffrimento,
Desemparado tormento,
Muito peior do que a morte,
Morte de desabrimento!
Oh meu sobrinho, meu bem,
Minha esperança perdida,
Oh glória que me sustêm,
Porque vos partis de quem
Sem vós não terá mais vida?
Oh desventurado velho,
Captivo sem liberdade!
Quem me póde dar conselho,

Pois perdido é o espelho
De minha gran' claridade!
Oh minha luz verdadeira,
Trevas do meu coração,
Penas de minha paixão,
Cuidado, que me marteira,
Tristeza de tal traição!
Porque não quereis fallar
A este marquez coitado,
Que tio sohieis chamar?
Fallae-me, sobrinho amado,
Não me façais rebentar.

DIZ VALDEVINOS

—Meu tormento tam molesto
Me faz não vos conhecer
Nem na falla, nem no gesto;
Nem intendo vosso dizer
Se não for mais manifesto.
Estou tam posto no fim,
Que não sei se sou alguem,
Nem menos conheço a mim;
Pois quem não conhece a sim,
Mal conhecerá ninguem.

DIZ O MARQUEZ

—Como não me conheceis,
Meu sobrinho Valdevinos?
Eu sou o triste marquez.

Irmão de elrei Dom Salinos,
Que era o pae que vos fez.
Eu sou o marquez sem sorte,
Que devêra rebentar
Chorando a vossa morte,
Por com vida não ficar
N'este mundo sem de porte.
Oh triste mundo coitado,
Ninguem deve em ti fiar,
Pois es tam desventurado,
Que o que tens mais exaltado,
Mor quéda lhe fazes dar!

FALLA VALDEVINOS

—Perdoa-me, senhor tio,
A minha descortezia,
Que a minha grande agonia
Me pôs em tanto desvio,
Que ja vos não conhecia.
Não me queirais mais chorar;
Deveis de considerar
Que para isso é o mundo,
Que dobrais meu mal profundo.
Para bem é mal passar:
E bem sabeis que nascemos
Para ir a ésta jornada,
E que, quanto mais vivemos,
Maior offensa fazemos
A quem nos creou de nada.

Assim que, necessidade
Não tendes de me chorar,
Poisque Deus me quiz levar
No melhor de minha edade
Para mais me aproveitar.
Mas o que haveis de fazer,
É por minha alma rogar,
Porque o muito chorar
Á alma não dá prazer,
Mas antes mui gran' pezar.
Quero-vos incommendar
Minha espôsa e minha madre,
Poisque não tem outro padre
Que as haja de amparar,
Senão vós, como é verdade.
Mas o que me dá paixão
Em ésta triste partida,
É morrer sem confissão;
Mas se parto d'esta vida,
Deus receberá a tenção.

Vem o ermitão e o pagem.

DIZ O ERMITÃO

—A paz de Deus sempiterno
Seja comvosco, irmão!
Lembrae-vos de sua paixão
Que, por nos livrar do inferno,
Padeceu quanto a varão.

DIZ VALDEVINOS

—Com coisa mais não folgára
Do que vê-lo aqui chegado,
Padre de Deus enviado,
Que se um pouco mais tardára,
Não me achára n'este estado.

FALLA O PAGEM

—Oh que desestrada sorte,
Meu senhor Danes Ogeiro!
Olhae vosso escudo forte,
Olhae, senhor, vosso herdeiro,
Em que extremo o pôs a morte!
Oh desditoso caminho,
Caça de tanto pezar,
Que cuidando de caçar,
A morte a vosso sobrinho
Viestes, senhor, buscar.

DIZ O ERMITÃO

—A gran' pressa que trazia
Não me deu, senhor, logar
De conhecer nem fallar
A vossa gran' senhoria.
N'este êrro se ha culpa,
Peço-lhe d'ella perdão,
Ainda que a discrição
Sua me dará desculpa.

FALLA O MARQUEZ

—Rogae a Deus, padre honrado,
Que me queira dar paciencia;
Que o perdão é escusado,
Porque vossa diligencia
Vos não deixa ser culpado.

DIZ O ERMITÃO

—O filho de Deus enviado
Vos mande consolação!
E pois que aqui sou chegado,
Quero ouvir de confissão
Este ferido e angustiado.
Coisa é mui natural
A morte a toda a pessoa,
A todo mundo em geral,
Poisque a nenhum perdoa.
Não a tenhamos por mais,
Porque o peccado de Adão
Foi tam fero e de tal sorte,
Que não so foi perdição;
Mas Deus, que é salvação,
Quiz tambem receber morte.
E por tanto, filho meu,
Não se deve de espantar
Da morte que Deus lhe deu;
Pois em provimento seu
Lh'a deu para o salvar.
Lembre-lhe sua paixão;

Veja este mundo coitado,
E não o ingode o malvado,
Que não dá por galardão
Senão tristeza e cuidado.
Em quanto, filho, tem vida,
Chame a Madre de Deus,
Aquella que foi nascida
Sem peccado concebida,
E coroada nos ceos.
Ésta foi santificada
E visitada dos anjos,
E em corpo e alma levada
Á gloria, onde exaltada
Lá está sobre os archanjos.
Assim, que ao Redemptor
E a ésta Virgem sem par
Se hade, filho, incommendar
Depois que aos sanctos for
Sua vontade chamar.
As mãos levante aos ceus,
Faça confissão geral,
Confessando-se a Deus
E á Virgem celestial
E a todos os sanctos seus.

DIZ O MARQUEZ

—Oh bonancia abhorrecida,
Oh desestrada fortuna,
De prazeres gran' tribuna!

Porque não desemparais
A quem sois tam importuna?
Tristeza, desconfiança,
Porque não desesperais
A quem não tem confiança?
Contae-me, pagem Burlor,
O caso como passou,
Quem foi aquelle traidor
Que mattou vosso senhor,
Ou por que causa o mattou.

FALLA O PAGEM

—Seria mui mal contado
Se a sua gran' senhoria
Não contasse o que é passado.
Eu sei certo que faria
O que não é esperado
Contra quem me deu estado,
E ha feito tantas mercês
Que nunca meu pae me fez:
Que é meu senhor amado,
E mais vós, senhor marquez.
Estando pois em París
O filho do imperador,
Mandou chamar meu senhor
Nos passos da imperatriz:
Fallaram muito a sabor;
O que fallaram não sei,
Se não que logo n'essa hora,

E sem fazer mais demora,
Com quatro detraz de si
Foram da cidade fóra,
Armados secretamente,
Segundo depois ouvi.
Partimos todos d'ahi,
E Dom Carloto presente
Tambem armado outrosi.
E tanto que aqui chegaram,
N'este valle de pezar
Todos juntos se apearam
E fizeram-me ficar
C'os cavallos que deixaram.
E logo todos entraram
Em este esquivo logar,
Onde meu senhor mattaram,
E depois de o mattar,
Nos cavallos se tornaram.
Como eu os vi tornar,
Sentindo muito tal dor,
Temendo de lhe fallar,
Não ousei de perguntar
Onde estava meu senhor.
Vendo-os assim caminhar,
Porque nenhum me fallava,
Quiz a meu senhor buscar,
Porque o coração me dava
Sobresaltos de pezar.
Não o podia topar

Porque a grande espessura
E a noite medrosa, escura
Me fazia não o achar:
De que tinha gran' tristura.
Buscando-o com gran' paixão,
N'aquelle lugar remoto
O achei d'esta feição.
Disse-me como á traição
O mattára Dom Carloto.
Perguntei porque razão:
Triste, cheio de agonias,
Disse-me com afflicção:
—'Vai-me buscar confissão,
Ja se acabaram meus dias.'
Como taes novas ouvi,
Com grande tribulação
E pezar de vê-lo assi,
Me parti logo d'aqui
A buscar este ermitão.
Isto é, senhor, o que sei
D'este caso desastrado,
Quanto me ha perguntado:
Outra coisa não direi
Mais do que lhei contado.

DIZ O MARQUEZ

—Quando sua majestade
Justiça me não fizer
Com toda a rogaridade,

Á fôrça de meu podêr
Cumprirei minha vontade.

DIZ O ERMITÃO

—Já o senhor se ha confessado,
E fez actos de christão;
Morre com tal contricção,
Que eu estou maravilhado
De sua gran' discrição.
Muito não póde tardar,
Segundo n'elle senti.
Acabei de lhe fallar
Porque lhe quero rezar
Os psalmos d'elrei David.

FALLA VALDEVINOS

—Não tomeis, tio, pezar,
Que me parto de vos ver
Para nunca mais tornar,
Pois Deus me manda chamar
E não posso mais fazer.
Torno-vos a incommendar
Minha espôsa e minha mãe,
Que as queirais consolar
E ambas as amparar,
Poisque não têem mais a quem.

ORAÇÃO DE VALDEVINOS

—Em as tuas mãos, Senhor,
Incommendo meu espirito;

Poisque es Salvador meu,
Meu Deus e meu Redemptor,
Não me falte favor teu:
Pois, Senhor, me redemiste,
Como Deus, que es de verdade,
Senhor de toda a piedade,
Lembra-te d'esta alma triste
Cheia de toda a maldade.
Salve, Senhora benigna,
Madre de misericordia,
Paz de nossa gran' discordia,
Dos peccadores mezinha,
Vida doce e concordia,
Spes nostra, a ti invocamos,
Salva-nos da escura treva.
A ti, Senhora, chamamos
Desterrados filhos de Eva,
A ti, Virgem, suspiramos,
A ti gemendo e chorando
Em aqueste lagrymoso
Valle sem nenhum repouso,
Sempre, Virge', a ti chamamos,
Que es nosso prazer e gôso.
Ora pois, nossa advogada.
Amparo da christandade,
Volve os olhos de piedade
A mim, Virgem consagrada,
Poisque es nossa liberdade.
Dá-me, Senhora, virtude

Contra todos meus imigos;
Poisque es nossa saúde,
Eu te rogo que me ajudes
Nos temores e perigos:
Roga tu por mim, Senhora,
Oh Sancta Madre de Deus,
A quem a minha alma adora,
Pois es rainha dos ceus
E dos anjos superiora.

Aqui expira Valdevinos, e

DIZ O MARQUEZ

—Oh triste velho coitado,
Oh cans cheias de tristura!
Oh doloroso cuidado,
Oh cuidado sem ventura,
Sem ventura desestrado!
Quebrem-se minhas intranhas,
Rompa-se meu coração
Com minha tribulação.
Chorem todas as campinas
Minha grande perdição,
Scureça-se o sol com dó,
Caiam estrellas do ceu,
As trévas de Faraó
Venham ja sôbre mim só,
Pois minha luz se perdeu
Na luz de mui claro dia.
Claridade sem clareza,

Minha doce companhia,
Onde está vossa alegria,
Que me deixa tal tristeza?
Oh velhice desestrada,
Sem glória e sem prazer,
Para que me deixais ser,
Pois que sendo, não sou nada,
Nem desejo de viver?
Porque não vens, padecer,
Porque não vindes, tormentos,
Paraque são soffrimentos
A quem os não quer ja ter,
Nem busca contentamentos?
Paraque quero razão,
Paraque quero prudencia,
Nem saber, nem discrição?
Paraque é paciencia,
Pois perdi consolação?

DIZ O PAGEM

—Oh meu senhor muito amado,
Porque vos tornastes pó?
Porque me deixastes só
Em este mundo coitado
Com tanta tristeza e dó?
Levâreis-me em companhia,
Pois sempre vos tive, vivo.
Oh minha grande alegria,
Porque me deixais captivo,

Mettido em tanta agonia?
Meu senhor, minha alegria,
Dizei, porque nos deixais
Com tanta pena notoria?
Lembrae-vos, tende memoria
De quantos desemparais.
Oh sem ventura Burlor!
De quem serás amparado,
De quem terás o favor
Que tinhas de teu senhor,
Poisque ja te ha faltado?

FALLA O ERMITÃO

—Não tomeis, filho, pezar,
Pois claramente sabeis
Que pelo muito chorar
Não cobrais o que perdeis.
Deveis, filho, de cuidar
Que nossa vida é um vento
Tam ligeiro de passar,
Que passa em um momento
Por nós assim como o ar.
Quem viu o senhor infante,
Tam pouco ha, fazer guerra,
E ser n'ella tam possante,
E agora em um instante
Ser tornado escura terra.
Diria com gran' razão
Que este mundo coitado

Não dá outro galardão,
Senão tristeza e paixão,
Como a vós outros foi dado.
Olhae a elrei Salomão
O galardão que lhe deu:
A Amon e Absalão,
E ao valente Sansão,
E ao forte Macabeu.
Em a Sacra Escritura
Muitos mais podia achar
Se os quizesse contar;
Mas vossa grande cordura
Supprirá donde faltar.
E poisque não tem ja cura
O mal feito e o passado,
Cesse a vossa tristura,
E demos á sepultura
Este corpo ja finado.
Levemo-lo onde convêm
Para que seja interrado;
E póde bem ser guardado
N'aquella ermida que vêem
Até ser imbalsemado.

Aqui levam a Valdevinos á ermida. E entra o imperador, o conde Ganalão, e

DIZ O IMPERADOR

—Certo, conde Ganalão,
Muito gran' perda perdemos.

Pèza-me no coração,
Porque na côrte não temos
Reinaldos de Montalvão,
Nem o conde Dom Roldão,
Nem o marquez Oliveiros,
Nem o duque de Milão,
Nem o infante Gaifeiros,
Nem o forte Meredião.

DIZ GANALÃO

—Muito alto imperador,
Muito estou maravilhado
Porque mostrais tal favor
A quem vos ha deshonrado
Com tanta íra e rigor,
Que, chamando-se Almansor,
Com o seu rosto mudado
Aquelle falso traidor
Com mui grande deshonor
Quiz deshonrar vosso estado:
Porqué, senhor, não sentis
Que este malvado ladrão
Vos prendeu de sua mão
Tomando-vos a París
Com muito grande traição?
Pondo-vos em Montalvão
Apezar do vosso imperio,
Onde com gran' vituperio
Estivestes em prizão,
Sem ter nenhum refrigerio?

FALLA O IMPERADOR

—Verdade é isso, cunhado:
Porém deveis de saber
Que em Reinaldos me prender
Eu mesmo sou o culpado:
Isto bem o podeis crer.
Se então me quiz offender
Não é muita maravilha,
Pois ja me quiz guarnecer
Mattando elrei Carmeser,
Que me trouxe a sua filha.

DIZ GANALÃO

—Vossa real majestade
Dirá tudo o que quizer,
Mas eu espero a Beltrão...
Que se conheça a maldade
De quem se hade conhecer.

Aqui se vai Ganalão; e vêem dois embaixadores mandados pelo marquez de Mantua, chamados Dom Beltrão e duque Amão: e virão vestidos de dó: e

DIZ BELTRÃO

—Gran' Cesar Octaviano,
Magno, augusto, forte rei.
Grande imperador romano.
Amparo da nossa lei,
Poderosa majestade,
Senhor de toda a Maganea,

Da Gascunha e da França,
Gran' patrão da christandade,
Esteio de segurança!
Pois sois senhor dos senhores,
Imperador dos christãos,
Somos vossos servidores,
Amigos leaes e sãos.

DIZ O IMPERADOR

—Eu me espanto, Dom Beltrão,
De vos ver d'aquella sorte,
E a vós, forte duque Amão:
Não é ésta disposição
E trajo da nossa côrte.

FALLA O DUQUE

—Muito mais será espantado
De nossa triste embaixada,
E do caso desestrado
O qual lhe será contado,
Se seguro nos é dado.

DIZ O IMPERADOR

—Bem o podeis explicar
Sem ter medo nem temor.
Para que é assegurar?
Pois sabeis que o embaixador
Tem licença de fallar.

DIZ O DUQUE Á EMBAIXADA

—Quiz, senhor, nossa mofina
Que o infante Valdevinos,
Primo do forte Guarinos,
Filho da linda Hermelinda
E do grande rei Salinos,
Fôsse morto á traição
Na floresta sem ventura.
A tam grande desventura
Haverá quem não procure
De vingar tal perdição?

FALLA O IMPERADOR

—É certa tam gran' maldade,
Que o sobrinho do marquez
É morto, como dizeis?

DIZ O DUQUE

—Pela maior falsidade
Que nunca ninguem tal fez.

DIZ O IMPERADOR

—Este caso é desestrado:
Saibamos como passou
E quem tam mau feito obrou:
Que o que tal senhor mattou,
Merece bem castigado.

FALLA O DUQUE

—Saiba vossa majestade
Que dez dias póde haver

Que o marquez foi á cidade
De Mantua com gran' vontade
Á caça que sohe fazer.
Andando assim a caçar,
Da companhia perdido
Foi por ventura topar
Com seu sobrinho ferido
Quasi a ponto de expirar.
Bem póde considerar
O gran' pezar que teria
De se ver sem companhia,
E a morrer em tal logar
A coisa que mais queria.
Perguntando a razão,
Sendo d'ella mui ignoto,
Disse com grande paixão
Que o mattára á traição
Vosso filho Dom Carloto.
A causa que o moveu
Dar morte tam dolorosa
A tam grande amigo seu,
Não foi outra, senhor meu,
Salvo tomar-lhe a espôsa.
Mattou-o á falsa fe,
Indo muito bem armado,
Com quatro homens de pé.
Quem matta tam sem porquê
Merece bem castigado.
O marquez Danes Ogeiro

Lhe manda pedir, senhor,
Justiça mui por inteiro:
Que ainda que perca herdeiro,
Elle perde successor.

DIZ DOM BELTRÃO

—Não deve deixar passar
Tam gran' mal sem o prover,
Porque deve de cuidar
Se seu filho nos mattar,
Quem nos deve defender?
E mais lhe faço saber
Porque esteja apparelhado,
Se justiça não fizer,
Que o marquez tem jurado
De por armas a fazer.
O mui valente e temido
Reinaldo de Montalvão
Entre todos escolhido
Está bem apercebido
Como geral capitão.
Dom Chrisão e Aguilante
Com o forte Dom Guarinos,
E o valente Montesinos,
Primo do morto infante,
Primo de elrei Dom Salinos,
E o mui grande rei Jaião,
De Dom Reinaldos cunhado,
E o esforçado Dudão,
E o gran' duque de Milão.

E Dom Richarte esforçado,
O marquez Dom Oliveiros,
E o famoso Durandarte,
E o infante Dom Gaifeiros,
E o mui forte Ricardo,
E outros fortes cavalleiros,
Todos têem boa vontade
De ajudar ao marquez
Em essa necessidade;
Porque foi gran' crueldade
A que vosso filho fez.
Evitae, senhor, tal damno,
Pois que sois juiz sem par;
Não vos mostreis inhumano,
Acordae-vos de Trajano
Em a justiça guardar.
Assim que, alto, esclarecido,
Poderoso sem egual,
O que fez tam grande mal
Bem merece ser punido
Por seu mandado imperial.
E pois, senhor, hei proposto
A causa porque viemos,
E sabeis o que queremos,
Mandae-nos dar a resposta,
Com que ao marquez tornemos.

DIZ O IMPERADOR

—Oh poderoso Senhor,
Que grande é o vosso mysterio!

Pois para meu vituperio
Me deste tal successor
Que deshonrasse este imperio.
Se o que dizeis é verdade,
Como creio que será,
Nunca rei na christandade
Fez tam grande crueldade
Como por mim se verá.
Por minha coroa juro
De cumprir e de mandar
Tudo que digo e procuro.
Ao marquez podeis dizer
Que elle póde vir seguro,
E todos quantos tiver,
Venham de guerra ou de paz,
Assim como elle quizer.
E pois que justiça quer,
Com ella muito me praz.

ENTRA DOM CARLOTO, E DIZ

—Bem sei que com gran' paixão
Está vossa majestade
Pela falsa informação
Que de mim, contra razão,
Deram com gran' falsidade.
Porque um filho de tal home
E tam grande geração
Não deve sujar seu nome
Em caso tal de traição.

Por vida de minha madre,
Que se tam gran' deshonror
Não castigar com rigor,
Que me será cruel padre,
Não direito julgador.

DIZ O IMPERADOR

—Não vos queirais desculpar
Pois que tendes tanta culpa,
Que se o mundo vos desculpa,
Não vos heide eu desculpar.
E portanto mando logo
Que estejais posto a recado,
Até ser determinado,
Por conselho do meu povo,
Se sois livre ou condemnado.
Mando que sejais levado
Á minha gran' fortaleza,
E que lá sejais guardado
De cem homens do estado,
Até saber a certeza.

FALLA DOM CARLOTO

—E como, senhor, não quer
Vossa real majestade
Saber primeiro a verdade,
Senão mandar-me prender
Por tam grande falsidade?

DIZ O IMPERADOR

—Não vos quero mais ouvir.
Levem-no logo á prizão

Onde eu o mando'ir;
Porque tam grande traição
Não é para consentir.
Vós outros podeis tornar,
E contar-lhe o que é passado
A quem vos cá quiz mandar;
Que o seguro que lhe hei dado,
Eu o torno a affirmar.

AQUI VEM A IMPERATRIZ E DIZ

—Eu muito me maravilho
De vossa grande bondade:
Que sem razão nem verdade
Trattais assim vosso filho
Com tam grande crueldade.
Olhe vossa majestade
Que é herdeiro principal,
E que toda a christandade
Lh'o hade ter muito a mal.

DIZ O IMPERADOR

—A mim, senhora, convem
Ser contra toda a traição;
E se vosso filho a tem,
Castiga-lo-hei muito bem:
E essa é minha tenção.
E mais eu vos certifico
Que com direito e rigor
Heide castigar o iniquo,

Ora seja pobre ou ricco,
Ora servo ou gran' senhor.

FALLA A IMPERATRIZ

—Como quer vossa grandeza
Infamar o nosso estado
Sem causa, com tal crueza?

DIZ O IMPERADOR

—Quem me cá mandou recado
Não foi senão com certeza.

DIZ A IMPERATRIZ

—Por tal recado, senhor,
Quereis trattar de tal sorte
Vosso filho e successor,
Que depois de vossa morte
Hade ser imperador?

FALLA O IMPERADOR

Em eu o mandar prender
Não cuideis que o maltratto:
Mas se elle o merecer,
Eu espero de fazer
A justiça do Troquato:
Porque pae tam poderoso,
Sendo de tantos caudilho,
Senão for tam rigoroso,
Nem elle será bom filho.

Nem será rei justiçoso.
Que agora, mal peccado!
Nenhum rei nem julgador
Faz justiça do maior;
Mas antes é desprezado
O pequeno com rigor.
Todo o mundo é affeição;
Julgam com rara remissa
O nobre que, sem razão
Alguma, tem opinião
De lhe tocar a justiça...
Que conta posso eu dar
Ao Senhor dos altos ceos,
Se a meu filho não julgar
Como outro qualquer dos meus?
Assim que escusado é
Buscar este intercessor;
Porque Deos de Nazaré
Não me fez tam gran' senhor
Para minha alma perder.

DIZ A IMPERATRIZ

Ai triste de mim coitada!
Para que quero viver,
Poisque sempre heide ser
Do meu filho tam penada
Como uma triste mulher?
Pois tam triste heide ser
Por meu filho muito amado,

Nunca tomarei prazer,
Senão tristeza e cuidado.

DIZ O IMPERADOR

—Não façais tantos extremos.
Pois dizeis que tem desculpa,
Que antes que sentença dêmos,
Primeiro todos veremos
Se tem culpa ou não tem culpa.
Mostrae maior soffrimento.
Que o caso é desestrado;
E i-vos a vosso aposento,
Que elle não será culpado.

Aqui se vai a imperatriz: e vem a mãe e espôsa de Valdevinos. e

DIZ A MÃE

—Oh coração lastimado,
Mais triste que a noite escura!
Oh dolorosa tristura,
Cuidado desesperado
E fortunosa ventura!
Oh vida da minha vida,
Alma d'este corpo meu!
Oh desditosa perdida,
Oh sem ventura nascida,
A mais que nunca nasceu!
Oh filho meu muito amado.
Minha doce companhia,
Meu prazer, minha alegria,

Minha tristeza e cuidado,
Minha sab'rosa lembrança,
Que serei eu sem vos ver?
Filho de minha alegria,
Oh meu descanço e prazer,
Porque me deixais viver
Vida com tanta agonia?
Adonde vos acharei,
Consôlo de meu pezar?
Onde vos irei buscar,
Poisque perdido vos hei
Para jamais vos cobrar?
Filho d'esta alma mesquinha,
Dos meus olhos claridade,
Onde estais, minha mezinha.
Filho de minha saudade,
Meu prazer e vida minha?

DIZ A ESPOSA POR NOME SYBILLA

—Que é de vós, meu coração,
Que é da minha liberdade,
Espelho da christandade,
Quem vos mattou sem razão
Com tam grande crueldade?
Quem vos apartou de mim,
Meu querido e meu espôso?
Oh meu prazer saudoso,
Porque me deixais assim
Com cuidado mui penoso?

Oh minha triste saudade,
Oh meu espôso e senhor,
Minha alegria e vontade,
Escudo da christandade,
Das tristes consolador!
Que farei pobre coitada,
Mais que nenhuma nascida?
Miseravel, angustiada,
Para que quero ter vida,
Pois minha alma é apartada?
Oh fortuna variavel,
Triste, cruel, mattadora,
De prazeres roubadora,
Inimiga perduravel,
Matta-me se que's agora.

DIZ HERMELINDA AO IMPERADOR

—Se vossa gran' majestade
Não der castigo direito
A quem tanto mal ha feito,
Nem sustentar a verdade,
Não será juiz perfeito.
Não olhe vossa grandeza
Sua madre dolorosa,
Nem sua tanta tristeza;
Mas olhe tam gran' princeza
Com ésta sua espôsa.

FALLA O IMPERADOR

—Faz-me tanto intristecer
Este tam gran' vituperio,

Que mais quizera perder
Junctamente meu imperio,
Que tal meu filho fazer.
Mas se a verdade assim é,
Como ja sou informado,
Que tal castigo lhe dê
Que seja bem castigado.

DIZ SYBILA

—Seja justiça guardada
A ésta orphã sem marido.
Viuva desamparada,
Tam triste e desconsolada
Mais que quantas têem nascido.
Olhae, senhor, tam gran' mal
Como vosso filho ha feito,
E não queirais ter respeito
Ao amor paternal,
Poisque não é por direito.

FALLA O IMPERADOR

—Senhora, não duvideis,
Que eu farei o que hei jurado,
Se é verdade o que dizeis,
Porque cumpre a meu estado
De fazer o que quereis:
Se mais quero ter commigo
Fama de regoridade,
Que deixar de ter castigo,
Quem commetteu tal maldade.

Para que é ser caudilho
De tanto povo e tam grado,
E imperador chamado,
Se não julgasse meu filho
Como qualquer estragado?
Não cuidem duques nem reis
Que, por meu herdeiro ser,
Que por isso hade viver:
Que aquelle que faz as leis
É obrigado a as manter.
Assim que, por bem querer,
Amizade nem respeito,
Como agora sohem fazer,
Não heide negar direito
A quem direito tiver.
E bem vos podeis tornar,
Fazei certo o que dissestes
E não tomeis tal pezar,
Porque o bem que ja perdestes
Não o cobrais com chorar.

DIZ HERMELINDA

—Senhor, nós outras nos pomos
Em mãos da vossa grandeza:
Olhae bem, senhor, quem somos,
E de que linhagem fomos,
Pois Deus nos deu tal nobreza.

DIZ SYBILA

—Olhae os serviços dinos
Que tanto tempo vos fez

Meu espôso Valdevinos,
Tambem seu tio marquez.
E como foram continos.

Aqui se vai Hermelinda e Sybila; e virá Reinaldos com uma carta que tomaram a um pagem de Dom Carloto, e

DIZ REINALDOS DE MONTALVÃO

—O summo rei dos senhores,
Que morreu crucificado
Em podêr dos pharizeos,
Accrescente vosso estado
E vos livre de traidores.

FALLA O IMPERADOR

—Mui valente e esforçado
Reinaldos de Montalvão,
Vós sejais tam bem chegado
Como a sombra no verão.
Muito estou maravilhado.
Invencivel e mui forte,
De ver-vos assim armado,
Sabendo que em minha côrte
Nunca fostes maltratado.

FALLA REINALDOS

—Senhor, não seja espantado
De ver-me assim d'esta sorte,
Porque com todo o cuidado
Ganalão, vosso cunhado,

Sempre me procura a morte.
Bem sabeis que sem razão,
Com vontade mui maligna
Fez mattar com gran' traição
A Tiranes e Erocina,
E ao feito Salião,
E a mim ja quiz mattar
Muitas vezes com maldade;
E para mais me danar,
Fez á sua majestade
Mil vezes me desterrar.
O grande mal que me quer
De todo o mundo é sabido,
E por isso quiz trazer
Armas para offender,
Antes que ser offendido.
Mas deixando isto assim
Guardado p'ra seu logar,
Onde se hade vingar,
Vos quero, senhor, contar.
Notorio a todo o christão
É o pezar lastimoso
Do marquez Danes Ogeiro,
Que tem, com justa razão,
Pela morte do herdeiro.
N'esta nobre côrte estão
Muitos mui nobres senhores
Que sabem que Dom Beltrão
E o nobre duque Amão

Foram seus embaixadores:
Tambem este é sabedor
Das respostas que lhe destes,
E mais de como prendestes
Vosso filho successor.
Do qual está mui contente
De te-lo posto em prizão;
E tem mui grande razão,
Porque na carta presente,
A qual fez da sua mão,
Confessa toda a traição.
E um pagem a levava
Para o conde Dom Roldão,
Que na cidade de Boava
Faz a sua habitação.
E como não ha falsia
Que se possa esconder,
Tinha o marquez espia,
Porque queria saber
O que Dom Roldão faria.
Esse pagem imbuçado,
Sem suspeita e sem revez,
Ia mui determinado:
Onde logo foi tomado
E levado ao marquez.
Lendo a carta Dom Guarinos,
N'ella contava a tenção
Porque o mattára á traição.
Isto é, senhor, a verdade,

E o que vos manda dizer:
Se o que digo é falsidade,
(Que por isso a quiz trazer)
A lettra é bom conhecer,
Que é este o seu signal.
Pois, quem fez tam grande mal
Bem merece padecer
Morte justa corporal.

DIZ O IMPERADOR

Se tal a carta disser,
Não se ha mister mais provar,
Nem mais certeza fazer,
Senão logo executar
A pena que merecer.
E portanto, sem deter;
Lea-se publicamente
Ante ésta nobre gente;
Porque todos possam ver
Vossa verdade evidente.

CARTA DE DOM CARLOTO A DOM ROLDÃO

Caudilho de gran' podêr,
Capitão da christandade,
Ésta vos quiz escrever,
Para vos fazer saber
Minha gran' necessidade.
Porque o verdadeiro amigo
Hade ser no coração,

Assim como fiel irmão,
E não hade temer p'rigo
Por salvar quem tem razão.
Porque sabereis, senhor,
Que me sinto mui culpado,
Como quem foi mattador;
E temo ser condemnado
De meu padre imperador.
Eu confesso que pequei,
Pois com vontade damnosa
A Valdevinos mattei.
Amor me fez com que errei,
E o primor de sua espôsa.
O imperador, meu padre
Me mandou prêso guardar,
E nunca quiz attentar,
Os rogos de minha madre.
A ninguem quer escutar,
E o marquez tem jurado
De não vestir nem calçar,
Nem entrar em povoado,
Até me ver justiçar.
Tenho por accusadores,
Reinaldos de Montalvão,
E seu padre o duque Amão
E muitos grandes senhores;
O gran' duque de Milão
Com o forte Montesinos,
Que é primo de Valdevinos.

Assim que todos me são
Accusadores continuos.
Pois tantos contra mim são,
Eu vos rogo, como amigo,
Que vós queirais ser commigo;
Porque, tendo Dom Roldão,
Não temo nenhum perigo.

DIZ O IMPERADOR

Antes que algum mal cresça,
Façamos o que devemos.
Pois o signal conhecemos,
E pois vemos que confessa,
De mais próva não curemos,
Nem vós façais mais detença.
E, pois ja tendes licença,
Podeis dizer ao marquez
Que venha ouvir a sentença.

Ir-se-ha Dom Reinaldos, e vem a imperatriz vestida de dó, e

DIZ O IMPERADOR

Senhora, ja não dirão
Que fui eu mal informado,
Nem que o prendo sem razão,
Pois por sua confissão
Vosso filho é condemnado.
Vêdes a carta presente,
Que foi feita da sua mão
Para o conde Dom Roldão:

A qual muito largamente
Declara toda a traição.

DIZ A IMPERATRIZ

Eu muito me maravilho
Do que, senhor, me ha contado;
Mas, pois elle ha confessado,
Melhor é morrer o filho
Que deshonrar o estado.
Mas a dor do coração
Sempre me hade ficar...
Peço-lhe com affeição
Que lhe busque salvação
E que o queira escutar.

DIZ O IMPERADOR

Melhor é que o successor
Padeça morte sentida,
Que ficar o pae traidor:
Que será trocar honor,
Pela deshonra nascida.
Tambem eu padeço dor,
Tambem eu sinto paixão,
Tambem eu lhe tenho amor...
Mas antes quero razão,
Que amizade sem favor.

DIZ A IMPERATRIZ

Poisque não póde escapar,
Eu não consinto nem quero

Que vós o hajais de julgar,
Porque vos podem chamar
Muito mais peior que Nero.

DIZ O IMPERADOR

Não vivais em tal ingano,
Que tambem foram caudilhos
O gran' Trocato, o Trajano;
E quizeram, com gran' damno,
Ambos justiçar seus filhos.
Pois que menos farei eu,
Tendo tam grande estado?
Quem é com razão culpado
Em maior caso que o seu?
E portanto eu vos rogo
Que não tomeis tal pezar,
Porque com vos enojar
Dá-se gran' tristeza ao povo.

DIZ A IMPERATRIZ

Eu cumprirei seu mandado,
Porque vejo que é razão;
Mas sempre meu coração
Terá tristeza e cuidado
E grande tribulação.

Aqui se vai a imperatriz: e vem o marquez de Mantua vestido de dó, e

DIZ O MARQUEZ

Bem parece, alto senhor,
Que vos fez Deus sem segundo,

E de todos superior,
Dos maiores o melhor,
Rei e monarcha do mundo.
Porque vós, senhor, sois tal,
Que com razão e verdade
Sustentais a christandade
Em justiça universal.
A qual para salvação
Vos é muito necessaria,
Porque convem ao christão
Que use mais de razão
Que da affeição voluntaria:
Como faz vossa grandeza
Com seu filho successor.
Assim que, digo, senhor,
Que estima mais a nobreza
Que amizade nem favor.

FALLA O IMPERADOR

Não curemos de fallar
Em coisa tam conhecida;
Porque n'esta breve vida
Havemos de procurar
Pela eterna e comprida.
Para sentir gran' pezar
Vós tendes razão infinda,
E tambem de vos vingar,
Pois foi justa vossa vinda.
Bem vimos vossa embaixada,

E a causa d'ella proposta
Foi de nós mui bem olhada,
E não menos foi mandada
Mui convencivel reposta.
E vimos vossa tenção,
E soubemos vosso voto,
E vemos tendes razão
Pela grande informação
Do principe Dom Carloto.
E vimos a confissão
De Dom Carloto tambem,
E soubemos a traição,
Como na carta contém,
Que mandava a Dom Roldão.
De tudo certificado,
Eu condemno a Dom Carloto
Em tudo o que hei mandado.

VEM UM PAGEM DA IMPERATRIZ DIZENDO

A imperatriz, senhor,
Está tam amortecida
De grande paixão e dor
Que não tem pulso nem cor,
Nem nenhum signal de vida.
Nenhum remedio lhe vem;
Está n'esse padecer
Sem lhe podérmos valer:
E, segundo d'ella cremos,
Mui pouco hade viver.

DIZ O IMPERADOR

Eu muito me maravilho
De sua gran' discrição;
Mais sinto sua paixão,
Que a morte de meu filho...
Não te quero mais dizer,
Quero-a ir consolar,
Pois tanto lhe faz mister.
Não sei porque é enojar
Por se justiça fazer!

Aqui se vai o imperador; e virá Reinaldos com o algoz, o qual trará a cabeça de Dom Carloto, e

DIZ REINALDOS

Jagora, senhor marquez,
Vos podeis chamar vingado,
Porque assás é castigado
O que tanto mal vos fez,
Poisque morreu degollado.
Fazei por vos alegrar,
Dae graças ao Redemptor,
Pois assim vos quiz vingar,
Sem nenhum de nós p'rigar
E com mais vosso valor.

APPENDICE

Como natural appendice e illustração aos dois precedentes livros, transcreverei aqui a traducção ingleza de alguns romances do primeiro, que o meu amigo Sir John Adamson publicou no segundo volume da sua LUSITANIA ILLUSTRATA [1].

E approveito ésta occasião para agradecer publicamente ao illustre biographo de Camões a distincta honra que me fez associando o meu humilde nome ao do mais célebre homem d'estado de Portugal, o lamentado Duque de Palmella, quando nos dedicou os dois primeiros volumes d'aquella sua estimada collecção.

[1] LUSITANIA ILLUSTRATA, Part the second. Newcastle-upon-Tyne, 1846.

A versão ingleza tem o raro merecimento de ser em extremo fiel e quasi litteral, sacrificando muitas vezes a propria elegancia da linguagem á exacção do pensamento e até da propria phrase.

THE NIGHT OF ST. JOHN

'Night reigns o'er Earth and Air—
O St. John, my St. John,
Ere fated hour speed on,
Hear thou my prayer!

Hear me thou, blessed Saint!
Christian Saint, hear my prayer,
Tho' my faith Moslem were,
Thine without taint.

Far from Mohammed gone,
Alkoran nought to me,
I bow my heart to thee,
Saint of Dom John!

As I consume this plant
In the fire made to thee,
Love glows anew in me—
Hear my heart pant!

As burns this plant on floor
In the fire lit for thee,
So let the black beard be
Of threatening Moor!

As burns the kindling light
This thy devoted flow'r,
So may Love's genial pow'r
Kindle my knight!

From height of heav'n amain
Scatter the garlands gay
That in this Love spell may
Spring forth again—

Marvellous falling dews
That cure Love's burning grief,
My Saint! their cool relief
Do not refuse!

Saint! whom soft pitie's move,
O St. John, my St. John,
'Ere glide this blest night on
Bring me my love!'

No more the fire you see —
Hush'd is the gushing pray'r
Yet still the maiden there
Bends on the knee.

Upraised her anxious eye
While throbs the glowing breast
Where Faith and Meekness rest
With Purity.

Kindly the Saint look'd on,
And by his fav'ring aid
Blooms now that happy maid
Bride of Dom John!

ROSALINDA

It was the early morn of May Day,
  When the song birds wake the grove,
And teeming trees and opening flowers
  Own the glow of kindling love;

It was the early morn of May Day,
  On the fresh bank of the wave
Sat the Infanta Rosalinda
  Bent her flowing locks to lave.

Flowers they bring her red and rosy,
  Flowers they bring her virgin white —
But on a blossom soft as she is
  Questing eye may never light.

Softer far is Rosalinda
  Than the rose that decks the thorn—
Purer than the purest lily
  That opes to weep at dewy morn.

The Count High-Admiral passed by her
  In his galley of the sea—
On each side so many rowers
  Told aright they may not be.

Of the captive bands who row'd it—
  All from Afric's bosom torn—
Some were proud and mighty nobles
  Some of kingly blood were born.

Betwixt Ceuta and Gibraltar
  If one Moor in safety be,
Ill at ease the Lord Count saileth
  In his galley of the sea.

O! how gentle glides the galley
  Answering well the guiding oar—
More gentle still he who commands it,
  Skill'd to leave or gain the shore.

—'Count Lord Admiral tell me truly
  From your galley of the sea,
If the captives that you conquer
  All to row compelled be?

—'Fair Infanta! tell me truly
  Without equal, Rose so fair!
The many slaves that glady tend thee
  Tire they all thy flowing hair?'

—'Art thou courteous, Count! so lordly
  Asking thus—not answering me?'
—'Answer thou, and I will answer,
  To me thou must not silent be.

Of the slaves who round me muster,
  Each the allotted task doth know;
Some aloft the sails to manage,
  Some upon the bench to row.

The lady captives soft and gentle
  Twine on deck the mazy dance—
Deftly wearing flowery carpets,
  Couch for Lord in dreamy trance.'

—'Thou'st answer'd, and I answer thee—
  For good the law that bids re-pay.
I have slaves for every purpose—
  Slaves who all my will obey.

Some to fit my varied vestments
  Some to tire my flowing hair—
For one I keep another office,
  But him my toils must yet ensnare!'

—'He's ta'en-he's thine! So fully captur'd
  That ne'er would he be ransom'd more!
Pull to the land—the land, ye vassals,
  And drive the galley high ashore!'

Then sweet with fairest Rosalinda
  And noble Count the moments sped—
While orange groves her form o'ershadow'd
  And flowrets garlanded her head.

But crabbed fate, that will not suffer
  Any good without allay,
Led the steps of the king's huntsman,
  As he roam'd to walk that way.

—'What thine eyes have seen, O huntsman!
  Huntsman! prithee do not tell.
Purses fill'd with gold I give thee,
  As much as thou can carry well.'

All the royal huntsman witness'd
  Did he to the King make known,
On study bent in private closet
  Thoughtful sitting and alone.

—'Whisper low the news you bring me,
  And we give thee guerdon rare;
Raise on high thy voice to sound it,
  And we hang thee high in air.

To arms—to arms, my faithful Archers,
  Without the rousing war-pipes sound,
My Cavaliers, and trusty foot-men,
  Haste the grove to circle round!'

It is not yet the glow of mid-day,
  Loud and long the bell doth boom!
It is not yet the gloom of midnight,
  Walk they both to meet their doom!

To the sound of Ave-Marias,
  Both are tomb'd in solemn state;
She before the altar holy,
  He beneath the western gate.

Soon the grave of Rosalinda
  Did a Royal tree disclose,
Soon the grave of Count so noble
  Show'd a bed of softest rose.

When the Monarch heard the marvels
  Quick he bade them both destroy,
Giving to the ruthless flame each
  Record of departed joy.

The trees they cut, and roses scatter,
  Still the emblems thrive again;
E'en as the air which them embracing
  Feeleth neither wond nor pain.

The King when he was told the story
  Ceased he to speak for aye,
And when the Queen the wonder heard
  Moan'd she thus her dying lay:

—'Call me not Queen!—a Queen no longer,
  She who such dread deed hath done!
Two spotless souls I've rent asunder,
  Whom heav'n would fain have joined in one!'

GREEN VINE LEAVES; OR, THE KING'S SLIPPER

Fresh green vine leaves hath the vineyard,
  There found I grapes both fine and sweet;
So ripe are they—so highly colour'd—
  They are saying 'come and eat.'

—'I wish to know who 'tis that guards them:
  Haste, Mordomo! hast and know'
Says the King to his Mordomo,
  But why did the king say so?

Because the king saw in that mountain,
  How saw he her I do not know—
That incomparable Donna...
  My reading does not tell me how.

Who to her sorrow is a Countess,
  Countess she of Valderey:

Rather would she, by my halidom,
  Rather—a poor peasant be.

Fresh green vine leaves hath the vineyard,
  Grapes which the king will go to greet:
So ripe are they, so highly colour'd,
  They are saying 'come and eat.'

Comes the Mordomo from the mountain:
  —'Best of news to you I bring;
Though the vineyard is well guarded,
  Yet h , e I enter'd, Senhor King!

'The owner is in other countries,
  When come he back, I cannot say;
The gate is old—the yielding portress
  To key of gold gave ready way.

'To a wonder that key serv'd me;
  All was soon adjusted so,
That this eve at hour of midnight
  With you I'll to the vintage go.'

—'Your'e worth a kingdom'—my Mordomo!
  Grand reward I'll make to thee.
This eve then, at the hour of midnight
  Rich grapes shall be eat by me.'

Fresh green vine leaves hath the vineyard,
  More grapes than I before did meet:

So beautiful and so ripe are they,
They are saying 'come and eat.'

In the dead of the midnight hour
Went the Mordomo—went the king—
Of doblas to the protress giv'n,
'Tis not for me the account to sing.

—'Mordomo! stay you at the portal,
The portal where I enter in,
Let not guard—dogs with me grapple,
Whil'st the grapes I'm gathering.'

The portress now to meet his wish,
Exchange for what he gave doth bring:
At the chamber of the Countess
Behold there entereth the king.

She bore a lamp both rich and massy,
It was of silver, I could see.
Nought but of silver or of gold
Is in the house of Valderey.

The fresh green leaves are in the vineyard,
The grapes in it are ripe and sweet:
So beautiful—so warmly colour'd—
Ah me, of them when shall I eat?

All in the chamber of the Countess
Gold was with silver suited well,

It was the Heav'n of that Angel,
  No more hath my poor tongue to tell.

Rich silks were there of Millan,
  The towels were of Courtenay;
The King he trembled—if from terror
  Or from good faith, I cannot say.

Green silk curtains hung before him,
  Still he ne'er essay'd to raise;
The vision bright I may not sing,
  That daunted thus his baffled gaze.

It was a thing so passing lovely...
  What more to say I do not ween.
Dainties other such as this,
  You may not see, nor have I seen.

Fresh green vine leaves hath the vineyard,
  Saw I there grapes ripe and sweet:
So beautiful and so ripe are they—
  They are saying 'come and eat.'

Slept she there so undisturb'd
  As I in heav'n above shall sleep—
Jesus! when I find thee there,
  If innocent thy law I keep.

On his knees then all the night
  Good did the King ill thought withstand;

Gazing, wond'ring thus to see her,
  Without moving foot or hand.

And thus he said:—'Oh God, my sire!
  Pardon what I ask'd before:
This angel here so pure and bright
  It is not I will injure her.'

The vineyard hath fresh green leaves in it,
  Grapes found I in it ripe and sweet;
But I fear to tamper with them...
  Ah! of them I will not eat.

Now came on the shining morrow,
  Then it was, as goes the tale,
The Mordomo a whistle heard:
  '—'Jesus Lord, now me avail!'

This was the appointed signal
  The mode the Count was us'd to take—
The king did not the curtains draw
  Saying: 'I will not vintage make.'

Beautiful green leaves hath the vineyard,
  In it I found grapes lovely sweet;
But my conscience inward grieves me,
  Grapes like these I will not eat.

Mordomo ran with rapid vigour
  In order that the king may flee.

—'Alas a slipper I have lost.'
  —'Take one of mine I give to thee.'

They fled, but in another instant
  Since the whistle they did hear,
Descends the Count from off the mountain.
  —'If he shall catch us, woe and fear!'

One fear harass'd the Mordomo,
  Other fear assail'd the King:
Which of them had reason greater,
  Soon unto you will I sing.

Green leaves saw I in the vineyard,
  Grapes quite ripe and richly sweet;
But, by his tender conscience guarded,
  Quoth the King:—'I will not eat.'

Seeketh now the Count his tower,
  The valiant Count of Valderey;
He lit upon the broider'd slipper…
  How it chanc'd I cannot say.

To the chamber of the Countess
  Goes he… Will he strike the blow?
Serenely sleeping doth he see her:
  —'Jesus! I know not what to do.'

In disorder is the household…
  —'God have me in his holy keep!

Either witch must be this woman,
  Or this same slipper mock'd my sleep.'

'The slipper which I have before me,
  The slipper it bespeaks no good:
Who could think that she could slumber
  In so pure and gentle mood.'

Wild the doubts that rise within him:
  —'Help me Heaven! with guiding light,
Baffling madness louring round
  Forbids me see my path aright.

Oh! my vineyard so well guarded!
  The precious grapes which there I left...
Where is the fruit on which I counted?
  Tell me of which I am bereft?'

Straight the Count himself imprison'd
  In highest tower of Valderey:
—'Ne'er shall bread assuage my hunger,
  Ne'er shall wine my thirst allay.

Beard and hair grown rough and ragged,
  Care from me shall ne'er receive;
Till the truth be plain before me,
  Ne'er will I this refuge leave.

Oh! ye green leaves of the vineyard
  Grapes that I no more may taste!

Quickly may ye pine and wither,
  Quickly pine like me and waste.'

Thrice the sun hath sunk and ris'n,
  Still groaning thus he lonely sate,
While faithful Countess grieving utter'd:
  'How shall I soothe his mournful state?'

Whither may she flee for succour?
  Who shall aid and solace bring?
Innocence may challenge pity...
  Where shall she wend? Unto the King!

—'That I some remedy may find thee,
  Faithful Countess, quickly go:
The secret of his sad affliction
  Be't mine or here or there to know.

On leal word of Cavelleiro
  Troth and faith I plight to thee,
Pure you shall be found and spotless,
  Or I myself shall recreant be.'

Oh! the green leaves of the Vine tree!
  Grapes I sought with eager haste!
To the soul their beauty touch' me,
  Bloom so pure I dar'd not taste.

Quickly thence the Countess hurried;
  The king, he did not tarry more.

What they say I wish to hear,
  So will I listen at the door.

Hist!—A voice of heavenly sweetness
  Steals upon his ravished ears—
While this sad plaint the mourner sang
  Mocking music of the spheres.

—'Once I was a Vine well guarded,
  Taught by tending Love to grow;
Now I lack that fost'ring nurture...
  Why—I scarce dare ask to know.'

Then shone out the Royal goodness...
  Tears of pity dimm'd his eye:
—'Quick of the other side inform me,
  That the truth I may descry.'

—'My fresh vineyard so well guarded,
  When I enter'd it again,
Trace of plundering thief I noted...
  What he stole I ask in vain.'

Ceased the Count o'erwhelm'd with sorrow,
  But then laughing said the King:
(Whether at self or at the mourner
  Aim'd that laugh, I cannot sing.)

—''Twas I who did the vineyard enter,
  Of plundering thief I left the trace;

Grapes I saw—but Heav'n so save me—
  Not a grape did I displace.'

A fracture was there in the portal
  The slipper from his foot he tore:
—'Need'st thou proof? behold it here.'
  Its fellow from within he bore.

Of the joy that followed after
  Little need I more impart,
Glad the Count the truth admitted,
  And the King play'd the kingly part.

Fresh green leaves hath the vineyard,
  Richest grapes were those I saw;
It was fear that kept them safely,
  Fear of God and of his law.

Em continuação do appendice, aqui juncto egualmente, para illustração do romance IX d'este livro que leva por titulo REGINALDO [1], as duas licções castelhanas que d'elle apparecem agora na última recente edição do ROMANCERO de Duran.

Na introducção áquelle romance disse eu que elle não apparecia nas collecções castelhanas, porque em nenhuma das anteriores a ésta de 1849-51 o tinha podido incontrar.

Essa parte do texto, assim como a nota correspondente [2] precisam pois d'esta correcção.

[1] Livro II, parte I, romance IX, tom. II, pag. 167.
[2] Nota G, pag. 312 do tom. II.

GERINELDO

I

Levantóse Gerineldo
Que al rey dejara dormido:
Fuese para la infanta
Donde estaba en el castillo.
—Abráisme, dijo, señora,
Abráisme, cuerpo garrido.
—¿Quién sois vos, el caballero,
Que llamais á mi postigo?
—Gerineldo soy, señora,
Vuestro tan querido amigo.—
Tomárala por la mano
En un lecho la ha metido,
Y besando y abrazando
Gerineldo se ha dormido.
Recordado habia el rey

De un sueño despavorido;
Tres veces lo habia llamado,
Ninguna le ha respondido.
—Gerineldo, Gerineldo,
Mi camarero polido,
Si mi andas en traicion,
Trátasme como á enemigo.
O dormias con la infanta,
O me has vendido el castillo.—
Tomó la espada en la mano
En gran saña va encendido:
Fuérase para la cama
Donde á Gerineldo vido.
El quisieralo matar;
Mas crióle de chiquito.
Sacara luego la espada,
Entre entrambos la ha metido,
Porque desque recordase
Viese cómo era sentido.
Recordado habia la infanta,
Y la espada ha conocido.
—Recordados, Gerineldo,
Que ya érades sentido,
Que la espada de mi padre
Yo me la he bien conocido[1].

[1] ROMANCERO GENERAL, 1849-54, tom. I, pag. 175. Ésta é a licção mais antiga, foi achada em um *pliego suelto*, folha volante, impresso.

GERINELDO

II

—Gerineldo, Gerineldo,
El mi page mas querido,
Quisiera hablarte esta noche
En este jardin sombrio.
—Como soy vuestro criado,
Señora, os burlais conmigo.
—No me burlo, Gerineldo,
Que de verdad te lo digo.
—¿A qué hora, mi señora,
Comprir heis lo prometido?
—Entre las doce y la una,
Que el rey estará dormido.—
Tres vueltas da á su palacio
Y otras tantas al castillo;
El calzado se quitó
Y del buen rey no es sentido:
Y viendo que todos duermen
Do posa la infanta ha ido.
La infanta que oyera pases
Desta manera le dijo:
—¿Quién a mi estancia se atreve?
Quién á tanto se ha atrevido?
—No vos turbeis, mi señora,
Yo soy vuestro dulce amigo,
Que acudo a vuestro mandado
Humilde y favorecido.—

Enilda le ase la mano
Sin mas celar su cariño;
Cuidando que era su esposo
En el lecho se han metido,
Y se hacen dulces halagos
Como mujer y marido.
Tantas caricias se hacen,
Y con tanto fuego vivo,
Que al cansancio se rindieron
Y al fin quedaron dormidos.
El alba salia apénas
A dar luz al campo amigo,
Quando el rey quiere vestirse,
Mas no encuentra sus vestidos:
—Que llamen á Gerineldo
El mi buen page querido.—
Unos dicen:—No está en casa.—
Otros dicen:—No lo he visto.—
Salta el buen rey de su lecho
Y vistióse de proviso,
Receloso de algun mal
Que puede haberle venido,
Al cuarto de Enilda entrara,
Y en su lecho halla dormidos
Á su hija y á su paje
En estrecho abrazo unidos.
Pasmado quedó y parado
El buen rey muy pensativo:
Pensándose qué hará

Contra los dos atrevidos.
—¿Mataré yo á Gerineldo,
Al que cual hijo he querido?
¡Si yo mataré la infanta
Mi reino tengo perdido!—
En tal estrecho el buen rey,
Para que fuese testigo,
Puso la espada por medio
Entre los dos atrevidos.
Hecho esto, se retira
Del jardin á un bosquecillo.
Enildas al despertarse,
Notando que estaba el filo
De la espada entre los dos,
Dijo asustada á su amigo:
—Levántate, Gerineldo,
Levántate, dueño mio,
Que del rey la fiera espada
Entre los dos ha dormido.—
—¿Adónde iré, mi señora?
¿Adónde me iré, Dios mio?
¿Quién me librará de muerte,
De muerte que he merecido?
No te asustes, Gerineldo,
Que siempre estaré contigo:
Márchate por los jardines
Que luego al punto te sigo.—
Luego obedece á la infanta,
Haciendo cuanto le ha dicho:

Pero el rey, que está en acecho,
Se le hace encontradizo:
—¿Dónde vas, buen Gerineldo?
¿Como estás tan sin sentido?
—Paseaba estos jardines
Para ver se han florecido,
Y vi que una fresca rosa
El calor ha deslucido.—
—Miéntes, miéntes, Gerineldos,
Que con Enilda has dormido.—
Estando en esto el Sultan,
Un gran pliego ha recebido:
Abrelo luego, y al punto
Todo el color ha perdido.
—Que prendan á Gerineldo:
Que no salga del castillo.—
En esto la hermosa Enildas
Cuidosa llega á aquel sitio.
De lo que pasa informada,
Y conociendo el peligro,
Sin esperar á que torne
El buen rey enfurecido,
Salta las tapias lijera
En pos de su amor querido.
Huyendo se va á Tartaria
Con su amante y fiel amigo,
Que en un brioso caballo
La atendia en el egido.
Allí, ántes de casarse,

Recibe Enilda el bautismo,
Y las joias que lleva
En dos cajas de oro fino
Una vida regalada
A su amante han prometido[1].

[1] ROMANCERO GENERAL, 1849-51, tom. I, pag. 176.

NOTAS

NOTAS

Nota A

E minha mãe sem chegar .... pag. 53.

O rigor do toante pedia aqui que se escrevesse *chegare* com *e* no fim, como pronuncía o povo de Lisboa e n'outras partes da Extremadura. Os antigos castelhanos tambem assim regularizavam os seus toantes.

E não va tampouco sem notar-se que assim fica demonstrado não ser affectação de látinismo o escrever e pronunciar pae em vez de pai, mãe em vez de mai. Aquella é a verdadeira e popular orthographia d'estas palavras.

Nota B

Na caça andava perdido .... pag. 217.

O princípio ou introducção d'este romance é conforme a collecção de Oliveira. No folheto dos cegos começa elle logo com toda a fórma scenica; e todavia differe bem pouco. Aqui se transcreve.

DIZ O MARQUEZ
Fingindo andar perdido na caça

Fortunosa caça é ésta
que a fortuna me ha mostrado,
poisque, por ser manifesta
minha pena e gran' cuidado,
me mostrou ésta floresta.
Nunca vi tam forte brenha,
desque me accórdo de mi;
eu creio que Margasi
fez ésta serra d'Ardenha,
estes campos de Methli.
Quero tocar a bosina
por ver se algum me ouvirá;
mas cuido, que não será,
porque minha gran' mofina
commigo começou ja.
Todavia quero ver,
se mora alguem n'esta serra,
que me diga d'esta terra
cuja é, para saber;
que quem pergunta não erra.
Por demais é o tanger
em logar deshabitado,
onde não ha povoado,
nem quem possa responder
ao que lhe for perguntado.
Gran' mal é o caminhar
por tam fragosa montanha,
cançado assim sem companha,
nem tendo onde repousar,
n'esta terra tam estranha.

Vejo o matto tam cerrado,
que fiz bem de me apear,
e meu cavallo deixar,
porque está tam cançado
que ja não podia andar.
Agora vejo-me aqui
n'esta tam grande espessura,
que nem eu me vejo a mi,
nem sei de minha ventura;
nem menos será cordura,
repousar n'este logar,
nem sei onde possa achar
descanço á minha tristura[1].

FIM DO VOLUME TERCEIRO

[1] MARQUEZ DE MANTUA, folheto de cegos, Lisboa 1789.

INDICE